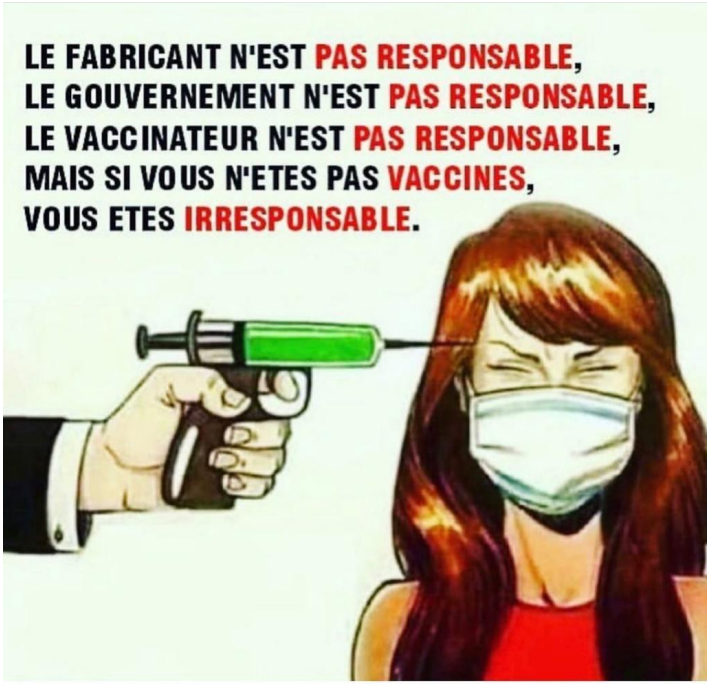
Temos o direito de cooperar com a tirania "sanitária" ao receber uma vacina?

por Padre Olivier Rioult | Jul 23, 2021



Cristo dirigiu esta oração ao seu Pai:

> « *Pai, não te peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. Santifica-os na verdade*. »(Jo XVII, 13-17)

Ser testemunhas de Deus neste mundo hostil, especialmente recusando participar de suas obras más e de suas mentiras. Mas **como conviver com um mundo mau e corrupto sem se tornar cúmplice do mal?** Quando é necessário recusar toda cooperação? Quando podemos tolerá-la e por quais motivos? Eis um problema importante e delicado.

Aqui está o plano das reflexões que se seguirão. O documento completo em formato PDF está disponível para download aqui.

1. **O menor mal não é um bem**
2. **Da colaboração**
   - A Complicidade formal
   - A Complicidade material
3. **As regras para uma possível cooperação material**
   - O Caso da Amazon
4. **Resumo e exemplos.**
   - Da restituição.
5. **Da moralidade das vacinas contra a Covid**
   1. Uma ação não intrinsecamente má.
   2. Motivos proporcionalmente graves
   3. As vacinas são realmente os remédios que nos vendem?
   4. As “vacinas” anti-Covid

5. O Covid 19: pretexto para o servilismo total da espécie humana
6. **Mensagem de São Cipriano aos cristãos que rejeitarão a tirania transhumanista e suas vacinas diabólicas.**

« *Sed líbera nos a malo...* » (Mt VI, 13)

Dizemos na oração que Cristo nos ensinou. Deus deseja fazer de nós seus cooperadores na instauração do seu Reino. Os discípulos de Cristo não devem, portanto, cooperar nem com as obras do diabo nem com aquelas de seus servos. Deus é bom, e Ele não pode aceitar sem punir nossa cooperação com o mal. Ele deseja, ao contrário, que nos oponhamos a ele e que o combatamos. Em outras palavras, **a cumplicidade no pecado também é um pecado.** Recordemos a oração que Cristo dirigiu ao seu Pai antes de se oferecer como sacrifício:

« *Agora, Pai, eu vou a vós, e faço esta oração enquanto estou no mundo, para que meus discípulos tenham neles a plenitude da minha alegria. Eu lhes dei a vossa palavra, e o mundo os odiou, porque não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo. Não vos peço* ***para os tirar do mundo, mas para os guardar do mal****. Eles não são do mundo, como eu mesmo não sou do mundo.* ***Santificai-os na verdade****.* » (Jo XVII, 13-17)

Não podemos deixar o mundo sem que Deus mesmo nos chame de volta a Ele, mas devemos zelar para não cooperar com o mal que se faz no mundo. É por isso que São Paulo especificava aos cristãos de Corinto:

« *Ao escrever-vos para não ter relações com os impúdicos, não me referia de maneira absoluta aos impúdicos deste mundo ou aos gananciosos e aos extorquidores ou aos idólatras; porque teríeis então que sair do mundo* » (I Cor V, 9-10).

Portanto, teremos necessariamente aqui na terra relações com pessoas que praticam o mal. Assim, teremos que ser testemunhas de Deus neste mundo hostil, especialmente ao recusar participar de suas obras más. Mas **como conviver com um mundo mau e corrupto sem se tornar cúmplice do mal?** Quando é necessário recusar toda cooperação? Quando podemos tolerá-la e por quais motivos? Eis um problema importante e delicado.

Para permanecermos puros em um mundo impuro, duas coisas são necessárias: uma inteligência iluminada pelas luzes da razão natural submetida à revelação cristã **e** uma vontade reta e forte, a exemplo de Cristo, que morreu para a glória e o amor de seu Pai a fim de testemunhar a verdade. No que diz respeito à vontade, isso depende apenas de nós e também de nossa perseverança na oração. Quanto à iluminação das inteligências, isso depende do nosso conhecimento e de nossos estudos. Queremos aqui, por meio das reflexões que se seguirão, ajudar aqueles que não têm tempo ou disposição para refletir sobre essas questões, recordando várias verdades sobre este assunto que, ao iluminar nossas inteligências, fortalecerão nossas convicções e, por conseguinte, a nossa vontade.

A. O menor mal não é um bem

Cita-se frequentemente este axioma de forma errônea para justificar todas as nossas concessões. É preciso perceber que o menor mal em si não é um bem. Uma história irlandesa relata que um monge cruelmente tentado por um demônio lhe declarou:

« *Dê-me paz, Satanás, não aguento mais. – Cometa um pecado mortal, um só, e eu o deixarei. – Qual? Escolha entre a embriaguez, a luxúria ou o assassinato. O monge escolhe a embriaguez como o menor dos três pecados. Ele bebe, canta… A vizinha intrigada vem ver. O monge a captura. Então vem o marido, que os surpreende juntos e se irrita. O monge então pega um bastão e manda*

o marido para o outro mundo… »

Ele havia escolhido o menor mal.

Na moral, não existe menor mal. Existe o bem que se deve fazer e o mal que se deve repelir. Para evitar qualquer confusão entre o bem e o mal, ou seja, entre a verdade e o erro, quando se fala de menor mal, deve-se **distinguir absolutamente a ordem física da ordem moral**. Sim, na ordem física é melhor perder um dedo do que perder o braço. E ao escolher este menor mal físico em um acidente, realizo algo razoável e bom. Mas não é assim na ordem moral. Pois o menor mal não é algo bom. Afirmar o contrário é uma absurdidade filosófica. Nas obras de São Tomás, encontramos esta fórmula que diz:

> É preciso escolher o menor mal para evitar o maior: "*Minus malum est eligendum ut vitetur majus malum*";

mas isso aparece como uma objeção e é logo refutada:

> "*Non licet aliqua illicita inordinatione uti ad impediendum nocumenta*": "*Não é permitido, para evitar um mal (mesmo que maior), recorrer a procedimentos desordenados e ilícitos (mesmo que menos maus).*"[1]

Certamente, no mal, assim como no bem, há graus. No mal, assim como no bem, há mais e menos, conforme se opõe ou se une mais ou menos diretamente e de forma mais ou menos radical à ordem divina. Assim, o blasfemar é um mal mais grave do que o simples respeito humano, e a mentira é um mal menos grave do que o homicídio. Pode-se, portanto, em rigor de termos, falar de menor mal, mas sempre mantendo em mente que esse menor mal nunca será um bem moral. Isso é intrinsecamente impossível. **Pois o menor mal, por menor que seja, continua sendo um mal**, e, portanto, uma coisa má em si mesma. Assim, não temos o direito de cometer um pecado para evitar outro pecado. Ao fazer isso, cometeremos um mal menor, certamente, mas ainda assim faremos o mal. **Mas ao fazer esse menor mal, não cumprimos nosso dever, que é se abster do mal.**

Só se fará o bem abstendo-se do mal. É por isso que nunca é permitido querer, fazer ou aconselhar o menor mal. **O coronel Moscardo** deu um exemplo heroico durante a Guerra da Espanha de 1936. Naquela época, os republicanos judaico-comunistas e as milícias vermelhas cercavam o Alcázar de Toledo, onde se refugiaram os nacionalistas da cidade. A fortaleza era comandada pelo coronel Moscardo. Ele era ajudado por falangistas toledanos, suas famílias e guardas civis, bem como por partidários da revolta salvadora iniciada pelo general Franco. O cerco durava há mais de dois meses, e os vermelhos não conseguiram, apesar de seu fanatismo, superar a resistência heroica dos nacionalistas, que sabiam de qualquer forma que deveriam vencer ou morrer. Render-se significava entregar ao massacre os 2000 refugiados da fortaleza. Os republicanos precisavam agir rápido, pois o avanço dos exércitos nacionalistas era tal que a qualquer momento poderiam aparecer e forçá-los à fuga. Para acabar com a fortaleza, os republicanos decidiram tomar como refém o filho do coronel Moscardo, que não estava na fortaleza, mas na cidade. Eles conseguem entrar em comunicação por rádio com seu pai e lhe dizem, em resumo:

> *ou você se rende, ou executamos seu filho*.

Traduzindo: ou você faz o bem e seu dever salvando a fortaleza, mas perderá seu filho; ou escolhe o menor mal: entrega a fortaleza e mantém seu filho. O que é uma fortaleza em relação à vida de seu filho? O coronel pede para falar com seu filho, e lhe diz para ser forte por Deus e pela Espanha, e então recusa a oferta de rendição. O filho é abatido imediatamente, mas os dois mil refugiados do Alcázar serão libertados alguns dias depois. O coronel Moscardo agiu bem. Ele não é culpado de nenhum erro. Ele apenas fez o bem. Não tem a morte de seu filho em sua consciência. Os únicos responsáveis pela morte de seu filho são os republicanos. Por outro lado, ao escolher o menor mal, o coronel Moscardo teria cometido um grave pecado.

Mas se nunca é permitido querer, fazer ou aconselhar o mal – mesmo o menor mal – é, em algumas situações, permitido, e pode até se tornar obrigatório, **tolerar o mal para evitar um pior**. Vamos considerar um exemplo médico: não é bom impedir a circulação sanguínea; isso pode levar à putrefação dos membros não irrigados. Mas, dada tal lesão e enquanto aguardamos cuidados apropriados, é absolutamente necessário permitir esse mal para evitar que o sangue escape do corpo pelo membro ferido, causando assim uma morte certa. Assim, tolera-se um mal em vista de um bem. Em si, devemos perseguir e reprimir o mal. Mas, por exceção, *per accidens*, devido a certas circunstâncias, a repressão pode causar males maiores do que aqueles que ela pretende remediar. Nesses casos excepcionais, é bom ser paciente e suportar. Nesses casos, **toleramos um menor mal. Não o fazemos**. Apenas temos paciência.

> « *O governo dos homens, explica São Tomás, deriva do governo de Deus e deve imitá-lo. Ora, Deus, embora Onipotente e infinitamente Bom, permite que o mal aconteça no universo: mesmo podendo bani-lo, Ele o tolera, seja para tirar dele bens maiores, seja para evitar males maiores. Assim, os chefes de Estado, neste mundo, podem legitimamente tolerar certos males, para evitar maiores ou para obter um bem maior.* »[2]

Assim, Deus tolerou Alexandre VI Borgia, um papa imoral e escandaloso em sua vida pessoal, para tirar dele bens maiores… Pois, se Deus o tivesse punido assim que cometeu seu primeiro escândalo, se Ele tivesse impedido todos os seus amores ilícitos, teria também impedido a consequência natural de tais uniões, e portanto, teria impedido Alexandre VI Borgia de ter uma descendência, fruto de seu pecado, mas que não seria responsável por esse pecado… Ele teria, assim, privado a Santa Igreja de um grande santo na pessoa de São Francisco Borgia, superior geral dos jesuítas…

Outro exemplo: O Edito de Nantes de Henrique IV foi um edital de tolerância: em si, o culto herético deveria ser perseguido e proibido em nosso país, que era católico de direito e de fato (95%); mas devido ao fanatismo e à guerra fomentada pelos hereges, e para restabelecer uma certa paz, era bom tolerar provisoriamente e relativamente seu culto herético. Mas isso não era mais do que uma tolerância de um menor mal, e não um direito. E, mudando as circunstâncias, o rei poderia revogar este Edito de tolerância; o que Luís XIV fez. Você compreende a ideia geral, mesmo que, no nosso caso, o Edito de Henrique IV tenha pecados por tolerância excessiva, ao conceder privilégios monstruosos aos hereges, enquanto o Edito de Luís XIV pecou por falta de tolerância, pois, embora Luís XIV tivesse o direito de proibir o culto público protestante na França, ele não tinha o direito de impedir os protestantes que quisessem deixar a França se persistissem em sua heresia.

Mas, bem compreendida e bem aplicada, a tolerância é boa e lícita. Essa tolerância é um bem, não um menor mal; **é outra estratégia em uma guerra sempre obrigatória contra o mal**. Quando as circunstâncias me levam a tolerar um mal, não estou fazendo um menor mal; eu agirei bem e de acordo com a razão correta, desde que eu continue, em meu íntimo, a odiar esse mal, a fugir de qualquer compromisso com ele e a buscar melhores circunstâncias para destruí-lo… Pois, considerado em si mesmo, o mal é uma ofensa a Deus e um obstáculo para o próximo. Ele ofende a Majestade divina e causa a queda de um número sempre excessivo de almas fracas e indefesas. Além disso, o mal, sendo uma desordem da natureza, sempre traz consequências nefastas: ele atrai necessariamente os flagelos temporais e as calamidades de toda sorte sobre as nações. Portanto, mesmo quando toleramos com paciência, pedimos, como deseja a oração dominical: "*libera nos a malo*" e trabalhamos nesse sentido tanto quanto podemos. Pois, de maneira geral, temos o dever de cooperar para o triunfo do bem, para a expansão do Reino de Deus na terra e, portanto, de nos opor, conforme nossos meios, a qualquer diminuição da Glória de Deus, a qualquer obstáculo à salvação dos homens, erros ou vícios. Este princípio essencial nunca deve ser esquecido, ele nos permitirá discernir qual tipo de cumplicidade é absolutamente proibida e qual outro tipo pode, às vezes, ser tolerado.

B. Da colaboração

No sentido etimológico, colaborar (*cum-laborare*) significa *trabalhar com*, ou seja, cooperar, e portanto **agir com alguém, prestando-lhe assistência em um ato**. O campo que abrange a cooperação é muito amplo. Ela

pode existir por meio de: *Ordem, Conselho, Consentimento, Lisonja, Recurso, Participação, Silêncio, Não se opondo ou Não denunciando*[3].

Certamente, o óptico não é responsável pelos filmes que você vai ver, nem o mecânico pelas imprudências cometidas pelos motoristas cujos carros ele acaba de consertar! O comerciante também não é obrigado a investigar nossas intenções. Nesses casos, ele não tem qualquer cumplicidade. Mas nem sempre é assim: circunstâncias específicas podem nos tornar cúmplices: Se eu vendo vinho a um alcoólatra… Se eu vendo uma arma a alguém que quer se vingar… Se eu vendo produtos abortivos… Nesses casos, há cooperação. A questão será saber se minha cumplicidade é formal ou apenas material; e se for apenas material, será que ainda é tolerável?

Imaginemos uma empresa de mídia que trabalha sem se preocupar com a moral apenas para garantir um enorme público: Que quantidade de cooperadores! Desde os acionistas, administradores, diretores dos diversos serviços, funcionários do escritório, autores dos artigos, anunciantes, até os trabalhadores da impressão, transportadores, vendedores, assinantes e compradores, etc.

Às vezes, rapidamente nos encontramos em uma situação que nos transforma em cúmplices do mal. **Uma vez, no Gabão**, eu estava levando uma motosserra para consertar. Após o trabalho, o armazeneiro me levou ao ateliê, atrás do balcão de vendas, no fundo da loja, e de maneira ambígua, o técnico me disse que custaria 5000 FCFA (8 euros): Eu lhe dei em mão a mão e sem nota fiscal. Fiquei surpreso, mas aceitei, apesar de um certo constrangimento, e então não era caro, 5000 FCFA… mas rapidamente me arrependi do meu gesto. Eu não estava com a consciência tranquila, sentia que havia realmente cooperado com um roubo. Comentei isso com meu superior, que me disse para voltar e corrigir a situação. Assim, pedi para ver o armazeneiro, voltei com ele ao ateliê e disse ao técnico: *quero recuperar os 5000 FCFA e quero uma fatura oficial, senão vou falar com o chefe*. Os dois entenderam muito rapidamente e obedeceram sem hesitar: De volta ao balcão, o armazeneiro me emitiu uma fatura de 14.500 CFA (22 euros). O armazeneiro e o técnico eram ladrões: não apenas eram pagos pela empresa que os contratava, mas, em vez de trabalhar para essa empresa que fornecia tudo e deveria pagar seus investimentos, o pessoal, o desgaste dos aparelhos, impostos e taxas… trabalhavam para seu próprio benefício, se pagando duas vezes às custas da empresa que não recuperava seus gastos. Eu havia cooperado, de maneira modesta, é claro, mas de maneira formal, com esse roubo. E isso é contrário tanto à justiça quanto à caridade.

A Cumplicidade formal

Você entendeu, a cumplicidade formal sempre fere a justiça e a caridade. E, no que se refere à justiça, o cúmplice formal é obrigado a restituir solidariamente com o autor principal (na medida de sua cooperação). Chamamos de cumplicidade formal toda atividade que, por sua natureza ou destino intrínseco (*finis operis*) ou ainda pelo destino que lhe confere seu autor (*finis operantis*), se caracteriza como uma contribuição para o pecado de outrem. Em outras palavras, o cúmplice formal coloca-se diretamente a serviço do mal, seja por um assentimento interno ao pecado alheio, seja por uma contribuição que, por sua própria natureza, já constitui uma aprovação desse pecado.

No entanto, há casos em que não se aprova a malícia de um ato e onde nossa cooperação é apenas material.

A Cumplicidade material

Chama-se cumplicidade puramente material a uma atividade que é boa em si mesma ou, pelo menos, indiferente, que não constitui, nem por sua própria natureza, nem pela destinação que lhe é dada, uma contribuição para o pecado de outrem, mas que, ainda assim, é abusada por outrem e colocada a serviço de seu pecado. O "cúmplice-indesejado" conhece de antemão o abuso que será feito de sua ação. Mas, em si, não há nenhuma relação entre o pecado de outrem e nossa ação (caso contrário, caímos na cumplicidade formal).

Apesar disso, pode-se aceitar essa cumplicidade material. **Em geral, não**. Seu filho vem até você, furioso, após uma briga com seu irmão e diz:

> *Mamãe, você pode me emprestar sua faca de cozinha para que eu a coloque no ventre do meu querido irmão?.*

Que mãe, mesmo muito ignorante de toda teologia moral, responderia:

> *Meu querido filho, deixo você usar minha faca, pois minha participação em seu crime será apenas material, mas saiba que não aprovo em nada o objetivo de sua ação!!!*

Nenhuma. É evidente que a cumplicidade material com o mal já é um mal. Mas o simples fato de prever o abuso que os outros farão de nossos atos não é suficiente para torná-los intrinsecamente maus. Pois, às vezes, a cooperação puramente material não é necessariamente culpável, podendo portanto ser lícita. Para saber, é necessário julgar **o ato concreto que realizo**: « *O que faço é aceitável em si, suscetível aqui e agora de uma interpretação honesta, de uma motivação intrínseca legítima; se meu ato for deformado, isso se dará apenas pela malícia de outrem.* »

Meu ato pode então ser legítimo se eu tiver uma razão proporcional para agir assim. O teólogo **Jean-Benoît Vittrant** S.J. escreve a esse respeito:

> « *O princípio é certo. As aplicações concretas são geralmente delicadas e muitas vezes pressupõem o conhecimento de numerosos dados da moral particular. É por isso que nos abstemos aqui de dar exemplos que poderiam obscurecer facilmente o princípio e não iluminá-lo*. »

É uma pena e insuficiente. Portanto, é necessário ir mais adiante, sempre lembrando que, em alguns casos, a solução será muito delicada.

Ajudar a escalar uma janela ou arrombar uma porta não é em si bom nem mau. É bom quando se trata de salvar alguém de um incêndio; é mau se é para entrar na casa de alguém para roubar suas economias. **Os bombeiros passam pelas janelas e quebram portas sem nenhum pecado; mas não é assim com os ladrões.** O que importa não é o ato de arrombar uma porta em geral, mas sim o que ocorre *aqui e agora*, com todas as suas circunstâncias, que deve ser julgado moralmente bom ou indiferente para que se possa falar de cumplicidade puramente material. Esta é a primeira condição, mas essa condição não é suficiente. Exemplo: o que você pensa do seguinte caso: *Um empregado que, ao deixar seu patrão subir em seus ombros, ajuda conscientemente seu mestre a se introduzir pela janela para violar uma jovem, e que frequentemente o auxilia segurando a escada, abrindo a porta, ou ajudando de outras maneiras semelhantes, não peca mortalmente se o faz por medo de um dano considerável, por exemplo, para não ser maltratado pelo patrão ou ser olhado torto, ou ser expulso de casa.* **Proposição 51 foi condenada e proibida como escandalosa e perversa na prática por um decreto do Santo Ofício de 2/3/1679 aprovado pelo Papa Inocêncio XI**. O servo não pode agir assim e dizer: não fiz nenhum mal; meu patrão me diz: pegue a escada, coloque-a sob a janela, ou abaixe-se para eu passar pelo muro sabendo que *aqui e agora* as ações de seu mestre não são nem boas nem indiferentes, mas viciosas. O servo é cúmplice de um estupro. Nada menos! Sua cumplicidade é formal e seu pecado é mortal. Ele deve recusar a cooperação, mesmo que tenha que ser espancado ou expulso de seu emprego.

Este caso era, em suma, fácil. Mas há casos muito mais complexos. E para evitar cair em uma moral **laxista**, é necessário saber se a contribuição que se oferece possui um sentido razoável e **se temos um motivo razoável para fornecê-la**, abstraindo-se da vantagem que outrem possa tirar dela. Pois há circunstâncias em que temos o direito de reprovar uma ação intrinsecamente má e onde, ainda assim, é razoável tolerar uma cooperação material: um exemplo bem conhecido é o de um caixa ou um transportador de valores que, sob a ameaça de um revólver na têmpora, abre o cofre ou o carro-forte, permitindo assim que o bandido se apodere

do dinheiro. É um roubo que eu reprovo; certamente cooperei, mas de maneira totalmente material e por boas razões. Pois meu ofício não me obriga a morrer por dinheiro, mas simplesmente a guardá-lo com *um cuidado ordinário* e, em *casos extraordinários*, a notificar o mais rápido possível os serviços de segurança. Ora, havia aqui um motivo grave e moralmente legítimo para cooperar, sem demonstrar laxismo. Também devemos evitar cair em uma posição **rigorista** que excluísse toda cumplicidade material, quaisquer que sejam as circunstâncias, sob o pretexto de que um verdadeiro cristão nunca pode ser instrumento do mal, mesmo que seja apenas de forma material, em circunstâncias bem específicas e gravíssimas. Um tal cristão rigorista engana-se, pois, a menos que esteja retirado do mundo, sua posição é de fato insustentável e contrária à prudência. Um tal cristão estará inapto para uma quantidade de encargos no mundo, onde é preciso lidar com muitas pessoas e situações imperfeitas. Além disso, sua atitude será até contraproducente em muitos casos: pois, rigorista, portanto excessiva, portanto falsa, portanto irrazoável, portanto má. Sob a aparência de bem, ele fará o mal enquanto se pretendia puro de toda cumplicidade com o mal…

Discípulos de Cristo, estamos " *no mundo* " e, no entanto, " *non do mundo* ". Temos uma necessidade igual " *da simplicidade da pomba e da prudência da serpente* " (Mt X,16) para, por um lado, recusar *absolutamente* toda cumplicidade formal, mas também, por outro lado, tolerar *ocasional e prudentemente* uma cumplicidade material.

Então, sob quais condições a cumplicidade apenas material poderia ser permitida ou até mesmo necessária? São Afonso de Ligório escreve a esse respeito:

> « *Pergunta-se se pode, algumas vezes, ser permitido cooperar com o pecado do próximo, por exemplo, dando vinho àquele que deseja se embriagar, ou a chave a quem quer roubar. Responde-se que isso é possível quando a cooperação é apenas material, ou seja, quando se presta a uma ação da qual o próximo poderia se servir sem pecado, mas da qual ele abusa por sua própria malícia.* ***No entanto, para que a cooperação material seja lícita, é necessário que ela tenha três condições****: 1° que o ato da cooperação que se oferece seja indiferente em si; 2° que aquele que coopera não esteja obrigado por seu estado a impedir o próximo de cometer o pecado; 3° que se tenha uma justa razão para cooperar assim, e que essa razão seja proporcional à cooperação; pois quanto mais próxima a cooperação estiver do pecado alheio, mais grave deve ser a causa que possa nos desculpar.*»[4]

Voltaremos na próxima vez a essas algumas regras importantes, que nem sempre são fáceis de aplicar.

C. As regras para uma possível cooperação material

Toda cooperação formal com o mal é imoral e ilícita; de perto ou de longe, é sempre fazer uma obra má. O problema não se refere a esse tipo de cooperação. Não há dificuldade em compreendê-lo, embora na prática isso possa às vezes exigir um heroísmo até o martírio. Pois, pela cooperação formal, coopera-se diretamente com o pecado: por exemplo, para salvar sua vida, uma mulher não pode se entregar à fornicação, ou para evitar represálias, um homem não pode aceitar favorecer um assassinato. Nunca se pode apoiar a má vontade do próximo que já está resolvido a pecar. Esses tipos de cooperações são intrinsecamente maus.

A cooperação material (pois sem intenção imoral) é, em geral, também condenável. A caridade me impõe, de fato, o dever de impedir tanto quanto possível que alguém abuse de meus atos me fazendo cúmplice do mal. Um homem bêbado nos pede para lhe emprestar nosso carro: nosso dever é recusar, não tanto para proteger a carroceria do nosso carro, mas para evitar um drama. Mesmo que não compartilhemos a malícia das intenções do próximo, devemos, por causa da caridade para com ele, cuidar para não favorecer seus planos ruins. Mas, por exceção, uma cooperação apenas material, distante, pode às vezes ser moralmente permitida ou tolerada por algum tempo. Esse tipo de cooperação material consiste em se prestar a uma ação que é indiferente em si, e da qual o próximo poderia se servir sem pecado; e se ele abusar disso, será apenas efeito de sua própria malícia, como, por exemplo, se alguém tomar emprestado dinheiro a juros de alguém que só concorda em dar sob essa condição; ou se fornecer vinho a alguém que o usará para se embriagar, ou

ferramentas a outro que as usará para roubar.

Uma tal cooperação material pode ser lícita se se tiver motivos legítimos. Para isso, nos diz Santo Afonso Maria de Ligório, é preciso cumprir três condições.

> « É necessário, em primeiro lugar, que o ato da cooperação seja por si mesmo **indiferente**; em segundo lugar, que não se esteja **obrigado pelos deveres de seu cargo** a impedir o pecado de outrem; e, em terceiro lugar, que se tenha uma **causa justa e proporcional** para poder cooperar assim, pois, então, o pecado do próximo não provém de nossa cooperação, mas da malícia daquele que usa nossa ação para pecar; de modo que não é nossa ação que se une à má vontade do próximo, mas sim a vontade do próximo que se liga à nossa ação; de onde resulta que nossa ação não é a causa de seu pecado, **mas apenas a ocasião, que não se está obrigado a remover, quando se tem razões justas para realizá-la**. Para julgar, então, quando a causa é proporcional ou não, é preciso, antes de tudo, orientar-se sobre o que dizem os doutores [Pois, nesta matéria, busca-se a estimativa dos homens prudentes e o sentimento mais comum e, por conseguinte, mais provável.] ***Além disso, quando se trata de um prejuízo a causar ao próximo, nunca devemos perder de vista que não podemos cooperar para o dano de outrem, a menos que a perda que tememos experimentar de nossos próprios bens seja de uma ordem superior****: por exemplo, quando alguém ameaça matar você, a menos que você consinta em cooperar para a morte de seu inimigo, dando-lhe, por exemplo, a espada de que ele precisa para fazê-lo, você não pode lhe dar sem cometer um crime, pois ninguém é permitido colaborar positivamente para a morte de outrem para salvar sua própria vida. Da mesma forma, se um ladrão nos ameaça de nos despojar de nossos bens, se recusarmos cooperar para que ele tome os de outrem, também não podemos prestar nossa cooperação nisso. Mas seria diferente se o ato de recusar a nossa cooperação resultasse na perda de nossa vida ou de nossa honra; porque, neste caso, nos encontraríamos na situação de uma pessoa reduzida a uma necessidade extrema, e, nesse caso, o próximo é obrigado a permitir essa cooperação no que diz respeito à perda de seus bens, a fim de que não percamos nós mesmos nossa vida ou nossa reputação. A cooperação é inocente quando consiste em contribuir para a perda de um bem menor por temor a um mal maior. Acrescento que, se fosse uma ação intrinsecamente má dar as chaves ao ladrão, porque eu então estaria cooperando com seu pecado, eu não poderia também dar-lhe as chaves da minha casa para me livrar da morte; mas quem poderá alguma vez sustentá-lo? São Tomás ensina expressamente que é permitido a alguém que caia nas mãos dos ladrões mostrar a eles os bens que possui, para não ser morto por eles, embora esses ladrões não possam tomá-los sem pecado.*»[5]

As condições dessa permissão ou tolerância do mal nesse tipo de cooperação material são análogas àquelas que são exigidas no caso do **voluntário indireto**: é necessário **que** o cooperador não aprove as más intenções do agente principal, **que** a ajuda que ele dá não constitua, por si mesma, uma ação propriamente e diretamente imoral, **que** ele tenha, por fim, uma razão séria e proporcional que compense, de certa forma, a malícia decorrente da própria cooperação.

Diz-se que o voluntário é direto quando se refere a um objeto desejado diretamente como fim ou como meio. É indiretamente voluntário o resultado de uma ação ou omissão que não foi desejada como fim ou como meio, mas que, no entanto, foi prevista e permitida.

O caso do aborto em uma gravidez ectópica nos ajudará a entender melhor essas distinções. O homicídio *direto* de uma criança no seio de sua mãe é um crime odioso, intrinsecamente perverso, portanto sempre ilícito e injusto: assim, é sempre condenado sob todas as suas formas, sem qualquer exceção possível. Mas no caso de uma gravidez ectópica, que ocorre às vezes e raramente, o feto, em vez de se desenvolver em sua cavidade natural, se desenvolve fora: fala-se de gravidez ectópica. Geralmente, o feto se aloja nas trompas, que são a parte do útero feminino que dá origem ao núcleo que será fecundado pela semente masculina. Mas, como essa parte anatômica da mulher não é feita para alojar o feto, isso se torna evidente no primeiro acidente que provoca uma hemorragia grave: o feto é grande demais para as trompas e as danifica

gravemente a ponto de colocar a vida da mãe em perigo. Nesse caso, é preciso tratar a mãe, removendo a trompa danificada. E sabe-se perfeitamente, e permite-se isso sem querer diretamente, que esses cuidados necessários eliminarão, indiretamente e como um efeito colateral, o feto. Assim, não se está praticando um aborto direto, sempre proibido, mas apenas um aborto indireto, cumprindo todas as condições necessárias para sua licitude. Pois a morte da criança não é desejada como fim ou como meio, é apenas uma consequência de uma operação legítima, devido a um acidente da natureza, um acidente previsto e permitido, dada a necessidade vital de tratar a mãe. Nesse caso, é importante também não esquecer de assegurar o batismo do feto, mesmo que ele tenha apenas algumas semanas.

Esse caso não tem nada a ver com um parto difícil em que a vida da mãe estaria em perigo devido às dificuldades de fazer o bebê nascer. Nenhuma razão moral poderia justificar matar a criança para retirá-la de forma definitiva e rápida, a fim de parar uma hemorragia. Não se tem o direito de matar a criança para salvar a mãe. Pois neste caso, é de fato a morte da criança que é o meio para salvar a mãe. O que não é o caso **da gravidez ectópica: lá, não é a morte da criança que salva a mãe, mas a remoção da trompa danificada. Esses dois casos extremos, portanto, mostram duas situações de acidente natural que causam a morte: seja a morte da criança porque ela não está em seu lugar para sobreviver (e a mãe não tem culpa nisso); seja a morte da mulher porque ela não tem a capacidade anatômica de fazer o que é necessário para finalizar o parto (e a criança não tem culpa nisso)**.

> « *É moral querer uma ação da qual se permite e tolera um desvio? Quando se pode agir em segurança de consciência, embora se tenha previsto que um mal, não desejado, será a consequência da ação que se propõe realizar? A resposta geral a essa questão é necessariamente a seguinte: só se pode agir nessas condições quando não se tem a obrigação de evitar o mal previsto e não desejado. Portanto, não há lugar para o voluntário indireto a menos que a ação realizada produza um efeito duplo: um, por assim dizer, essencial ao ato desejado diretamente, o outro acidental; o primeiro sendo bom, o segundo, embora mau, poderá às vezes ser permitido a contragosto, pois evitar isso exigiria renunciar ao efeito primeiro e bom que se deseja garantir.* **Mas se essa condição é necessária, não é, no entanto, suficiente.** Além disso, deve-se ter em conta que não há, por outro lado, a obrigação de evitar a produção do efeito mau realmente indireto. Essa obrigação existe às vezes, [mesmo que possa ser limitada e admitir desculpas, entre os magistrados civis ou religiosos, policiais, militares, etc. Além disso, eles não estão obrigados a expor um bem superior ao que têm guardado, por exemplo, a colocar sua vida em sério perigo para salvar uma quantia em dinheiro.] *O motivo proporcional deve ser tanto mais importante quanto o efeito mau permitido constitua um desvio mais grave por sua natureza; ou quanto mais estreita for a relação entre o objeto desejado e o efeito permitido; ou ainda conforme se tenha uma obrigação mais grave de evitar o efeito mau, devido à natureza das coisas, às circunstâncias ou à situação pessoal. E, naturalmente, na apreciação desse dever de evitar os efeitos maus, o ponto de vista social não deve ser esquecido, às vezes sendo mesmo primordial.*» [6]

Para pular de uma janela do terceiro andar, é preciso um motivo proporcional, tanto mais importante quanto mais grave for o desvio resultante da ação: para evitar ser descoberto em uma brincadeira de esconde-esconde, isso é um motivo proporcional? **Não**. Para mostrar bravura e dizer aos outros que não tenho medo de nada: **Não**. Para evitar ser punido ou repreendido: **Não**. Porque o prédio está pegando fogo: **Sim**. Eu não quero me matar, quero escapar das chamas: *efeito bom*: salvar minha vida; *efeito mau* conhecido, permitido, mas não desejado: ter o corpo machucado e talvez a morte. **Há um motivo proporcional:** aceitar uma morte *incerta* para evitar uma morte *certa*. Portanto, posso neste caso pular e colocar minha vida em risco.

Um motivo proporcionalmente grave. Quanto mais distante for a cooperação, menor será sua influência e pode então ser tolerada: Quando compro um disco de Vivaldi na Deutsche Gramophon ou no Philips Music Group, estou enriquecendo o sinistro Edgar Bronfman, que foi presidente do Congresso Judaico Mundial, bilionário graças ao seu império sobre álcool, audiovisual e pornografia… Mas aqui a cooperação material é muito distante. Da mesma forma, um escritor pode achar que está autorizado a escrever ocasionalmente bons artigos em um jornal ruim, devido ao bem que pode resultar disso. Mas não se pode dizer o mesmo tão

facilmente de um vendedor de jornais que vende revistas gravemente imorais, nem de um impressor que frequentemente fabrica obras antirreligiosas ou imorais; nem de um farmacêutico que vende produtos contra-natura…

O Caso da Amazon

Vamos concluir nos perguntando sobre um caso concreto: Estou agindo corretamente ao comprar na Amazon? Para muitos, a questão parecerá estúpida. Onde está o problema? Que mal posso causar ao comprar produtos na Amazon? A maioria das pessoas raramente se faz perguntas de ordem moral. Muitas vezes, elas só veem seu interesse material e imediato: sem reflexão, sem análise ou antecipação: a Amazon me proporciona um grande conforto como consumidor que sou… portanto, a Amazon me é útil, logo, é algo bom. E, de fato, a Amazon está se tornando cada vez mais popular: 25% das vendas online e 5% do comércio francês! As pessoas querem tudo e a todo instante… sempre mais rápido… **de A a Z**… a Amazon satisfaz nossos desejos…

Mas com o que estou realmente cooperando ao comprar na Amazon?

Esta empresa é tentacular: capital de 1.661 bilhões de dólares com um lucro líquido de 11.600 milhões de dólares (em 2020)[7]: em resumo, é uma monstruosa multinacional com um poder gigantesco que pode esmagar qualquer comércio de varejo; possui armazéns gigantescos (até 185.000 m² de concreto e milhares de caminhões por dia...), automação em excesso (poucas criações de empregos), ritmos de trabalho muito duros, mal pagos, tarefas robotizadas, pressões sociais, numerosos acidentes de trabalho: os empregados são orientados e cronometrados por um robô computador. É também um software desumanizado onde uma *Inteligência Artificial* gere o pessoal, analisa e propõe demissões por produtividade insuficiente.

Empresa tentacular, porque não vende apenas produtos online (usando concorrência desleal que pode vender a prejuízo pelo tempo suficiente para destruir seus menores concorrentes), também gerencia suas próprias entregas, dispondo de aviões, drones… mas também seguros de saúde, contratos bancários com o JP Morgan. Em resumo, torna-se uma potência econômica mais forte que os próprios Estados… É ainda uma empresa ideológica que usa e abusa de seu poder: a Amazon, que possui um quase-monopólio como primeiro anfitrião mundial de sites (o muito rentável AWS: Amazon Web Service), sancionou politicamente uma parte da população ao censurar a rede social PARLER por sua liberdade excessiva de opinião politicamente incorreta: com um clique toda a rede se tornou inacessível.

Jeff Bezos, o chefe da Amazon, também recebeu o prêmio nacional da igualdade por seu esforço excepcional em favor da comunidade LGBTQ. Ele foi um dos maiores financiadores em favor do casamento contra a natureza... Criou uma série de televisão para moldar a opinião pública em favor dos transgêneros. Em suma, é o reino do arbítrio e do ativismo imoral!!!

Comprar um produto neutro na Amazon é dar dinheiro àqueles que querem nos calar e envenenar a sociedade. **Se o fazemos sem um motivo proporcional, cometemos um erro**. Este comentário se aplica à Amazon, que é um dos piores GAFAM, mas também aos outros: Google, Amazon, Facebook, Apple, Microsoft... Devemos nos esforçar para não frequentá-los nem apoiá-los na medida de nossas possibilidades.

Portanto, devemos nos organizar o máximo possível para não comprar na Amazon e garantir que, ao comprar um produto, não haja outra alternativa, estar prontos para pagar até um pouco mais caro em outro lugar, e reservar na Amazon apenas nossas compras indispensáveis, a fim de permanecer em uma cooperação apenas material e distante, que é a única cooperação moralmente aceitável.

Tal é a única resposta possível, nuanceada e moral à questão *tenho o direito de comprar na Amazon*? Às vezes sim, às vezes não. Porque tudo que toca no problema da cooperação material não pode ser resolvido com um rápido e simplista sim ou não. É preciso distinguir os casos e levar em conta todas as circunstâncias.

D. Resumo e exemplos

Vamos resumir. Os princípios são claros: o cristão deve sempre rejeitar toda cumplicidade formal e só aceitar a cumplicidade material do mal por razões justas. Uma cooperação é formal quando se aprova a malícia do ato que a ocasiona; caso contrário, ela é material.

A **cooperação formal** no pecado do outro é **sempre proibida**, pois contribui para uma ação culposa externa e participa da intenção maligna do outro.

Uma **cooperação material**, ou seja, a cooperação em uma ação que é apenas a preparação para um ato culposo, é geralmente também **interditada**. Ela pode ser permitida apenas se a ação pela qual se coopera é boa ou ao menos indiferente e se existe um motivo proporcionalmente grave.

Certos casos são fáceis de resolver:

- *Eu apoio um amigo em seu duelo*: **Cooperação formal**: can. 2351: *aqueles que lutam em duelo, ou simplesmente provocam um duelo, ou o aceitam; aqueles que lhe concedem alguma ajuda ou favor ou são espectadores deliberados; aqueles que o permitem ou não o impedem na medida em que estão ao seu alcance, independentemente de sua dignidade, incorrerão por esse fato em uma excomunhão simplesmente reservada à Sede Apostólica.*

Essas observações valem para as brigas de meninos nos pátios das escolas!

- *Eu defendo ou faço apologia de certos livros maus especificamente condenados pela Igreja*: **Cooperação formal**.
- *Eu ajudo conscientemente a propagação de uma heresia*: **Cooperação formal**. O can. 2316: *É suspeito de heresia aquele que espontaneamente e conscientemente ajuda de qualquer modo a propagação da heresia ou comunica 'in divinis' com hereges.*
- *Eu ajudo de forma imediata a um aborto; eu aceito que meu cônjuge use métodos contraceptivos no ato conjugal; eu sou cúmplice ativa e direta de um roubo…*: **Cooperação formal**.
- *Um dono de bar encoraja uma pessoa meio bêbada a beber ainda mais para ganhar dinheiro, como aqueles que pagam complacentemente para que o bêbado beba*: **Cooperação formal**, pois o bêbado não pode fazer uso do vinho que lhe é servido de forma boa.
- *Um católico aceita ser testemunha de um casamento puramente civil de dois católicos divorciados ou de um casamento misto diante de um ministro não católico*: **Cooperação formal**.

Certos casos são mais difíceis de resolver:

- *Eu alugo um apartamento para um cliente cujos projetos desonestos conheço (empresa fraudulenta, atividade de prostituição)*: **cumplicidade material** mas gravemente culpável. Exceto em circunstâncias excepcionais.
- *A datilógrafa que apenas digita as cartas não é cúmplice das falsas faturas que se inserem nos números. A dona de um cinema onde às vezes passam filmes ruins ou um operário de gráfica que imprime ocasionalmente material de má índole*: **Complicidade material distante.**
- *Um empregado pode acompanhar seus patrões ao templo protestante, se essa ação não for considerada como um reconhecimento da heresia. Mas ele é proibido de participar dos cânticos e das orações, pois isso constituiu uma participação propriamente dita no serviço religioso*.
- *Construir templos heréticos ou sinagogas*: **Complicidade material** gravemente culpável: só é permitido a um arquiteto por um motivo muito grave; o trabalho dos simples operários é autorizado por um motivo menos importante. **Complicidade material mais distante.**
- *Dar dinheiro para a construção de um templo protestante* não é permitido, exceto, segundo uma declaração da Penitenciaria, se obtivermos desse meio que a igreja utilizada pelos católicos deixe de ser uma igreja mista...
- Existe um comércio de coisas destinadas, por natureza, a fins maus (artigos anticoncepcionais, produtos abortivos, escritos pornográficos ou anarquistas, drogas etc.). Cooperar na venda desses artigos é uma cumplicidade formal com o pecado do comprador. *O cristão deve se abster de uma profissão* ***que se***

***definiria** pela venda de tais artigos.* É delicado hoje em dia ser um farmacêutico ou um livreiro generalista, mesmo que seu caso muitas vezes se resuma à posição de simples empregados que são praticamente forçados por poderosas empresas de distribuição, que dominam o mercado, a receber em depósito artigos ou material proibido pela moral. E, nesse caso, a **cumplicidade se tornaria material e mais ou menos distante.**

É aqui o momento de recordar a observação de um teólogo sobre essas questões na enciclopédia *Catolicismo*:

> «*Todo o conjunto da cooperação apresenta uma matéria das mais delicadas, fétil em casos pouco fáceis de resolver. É muitas vezes difícil pronunciar-se e chegar a conclusões nítidas e certas. Podemos traçar quadros abstratos, que servem de base para nossos julgamentos, frequentemente as realidades concretas os transbordam. Sob pena de faltar à verdade e à justiça, os moralistas devem levar em conta, com o maior cuidado, todas as circunstâncias, por vezes múltiplas.*»[8]

E é necessário fazer isso com a prudência humana e cristã necessária.

Por último, independentemente da dificuldade em resolver os casos, é preciso lembrar que a necessidade urgente de ganhar a vida não desculpa nem permite tudo. Em certos casos, a necessidade de viver não poderá servir como um motivo grave proporcional.

Uma vendedora em uma livraria de livros pornográficos, um farmacêutico que vende remédios abortivos, uma enfermeira que participa diretamente de um aborto, um policial que multa em 135 euros por respirar ao ar livre sem máscara… um soldado obrigado a proceder a uma prisão ou a uma execução manifestamente injusta podem alegar "*que não agem por vontade própria, mas que executam ordens*"? Quando, em 8 de maio de 1945, em Bad Reichenhall, o general Leclerc da 2ª DB, que vestia o uniforme americano, deu a ordem de fuzilar doze soldados franceses, desarmados, da divisão Charlemagne que usavam o uniforme alemão: aqueles que fuzilaram esses doze prisioneiros de guerra cometeram um crime de guerra e são culpáveis de assassinato, apesar das ordens recebidas. **Não, a desculpa de ordens recebidas é falsa: ela muitas vezes esconde um pretexto para se esquivar do dever de não cooperar com o mal.** É graças a uma tal demissão de consciência que os crimes mais odiosos podem se perpetuar. **Um empregado é um colaborador, certamente subordinado, mas livre**. Quando se está envolvido em uma cumplicidade formal, é preciso saber responder: não!

Da restituição

Última observação: quando a cooperação é *apenas imoral*, o arrependimento é suficiente. Mas, e isso é frequentemente o caso, se a cooperação causou *escândalo*, a reparação deve manifestar exteriormente o arrependimento. E se além disso causou *dano* ao próximo em seus bens ou em sua reputação, a obrigação de reparar passa pela restituição.

Quando se é causa de injustiça, realmente e voluntariamente, é necessário repará-la; e isso mesmo quando se apenas cooperou indiretamente:

> «*Coopera-se indiretamente, diz Santo Tomás, ao não impedir o que se poderia e deveria impedir: seja omitindo a ordem ou o conselho que impediria o roubo ou a rapina, seja recusando um auxílio que poderia obstruí-lo, seja finalmente mantendo em segredo o fato consumado.*» (IIa IIae, q. LXII, a. 7)

A caridade obriga todos a fazer o possível para evitar que os outros sofram um dano; pois, segundo essa virtude, cada um deve fazer aos outros o que gostaria que fizessem a ele mesmo. Aqueles que não obedecem a esse preceito cometem um pecado mais ou menos grave, mas não estão obrigados à restituição. A obrigação de reparar diz respeito àqueles que estavam obrigados em justiça a impedir ou denunciar o mal e

que poderiam fazê-lo sem graves inconvenientes.

Portanto, há uma obrigação em justiça de reparar o dano quando se está contratado ou em função. Os pais são responsáveis pelos danos causados por seus filhos menores, os professores ou os artesãos são responsáveis pelos danos causados por seus alunos ou aprendizes, enquanto estão sob sua supervisão. Trata-se aqui de uma obrigação natural entre eles e a sociedade. Se forem negligentes em sua supervisão, são moralmente responsáveis e obrigados a reparar. Isso se aplica também a certos tipos de contratos de trabalho: um vigia noturno deve ser capaz de apagar um incêndio ou espantar ladrões, ou ao menos dar o alerta. Se por negligência ele dorme, ou por complacência ele deixa os ladrões agir, ou por vingança contra seu patrão ele não faz nada, ele coopera com o mal. Esse vigia deve reparar os danos que permitiu ocorrer. Pois ele tinha a obrigação em justiça de impedi-los. De fato, não fazer o possível para evitar que outrem sofra um dano que se estava encarregado de impedir é causar uma injustiça: é lesar alguém em seu direito e, consequentemente, ter a obrigação de reparar esse dano ou restituir.

Essa grave obrigação em justiça desaparece, evidentemente, diante da impossibilidade, seja ela moral ou física. Assim, o vigia noturno que é ameaçado na ponta de um revólver por ladrões que o obrigam a levantar os braços, ou a fazer outro gesto, pode obedecer a eles e não gritar. Da mesma forma, os policiais ou soldados têm o direito de hesitar e ser prudentes antes de entrar em um edifício onde ladrões ou bandidos entraram: não são obrigados a expor suas vidas inutilmente.

Na continuação, veremos um caso bastante complicado que nos preocupa a todos: *Temos o direito ou o dever de cooperar com a política de saúde do governo ao receber suas vacinas?*

E. Da moralidade das vacinas contra a Covid

> « *O Senhor faz produzir à terra os medicamentos, o homem sensato não os despreza*. » Eclesiástico XXXVIII, 4

Quanto mais a sociedade se corrompe, mais uma certa cooperação material com o mal se impõe. Ao pagar meus impostos, cooperando com o mal, uma parte desse dinheiro é usada para financiar o aborto e sustentar a imigração descontrolada que lentamente substitui nosso povo. Ao comprar um remédio em uma farmácia que também vende produtos contra a natureza, como os produtos abortivos e contraceptivos, estou cooperando com o mal ao enriquecê-lo. O mesmo ocorre quando compro um produto em uma grande loja ou quando coloco meu dinheiro em um banco; estou cooperando com o mal ao favorecer um sistema perverso que promove o monopólio dos gigantes e oprime e escraviza os pequenos comerciantes e a economia das nações, etc.

A cooperação material com o mal é uma questão delicada, como escreve R. Brouillard na enciclopédia *Catolicismo*:

> «*Todo o conjunto da cooperação apresenta uma matéria das mais delicadas, fértil em casos pouco fáceis de resolver. É muitas vezes difícil pronunciar-se e chegar a conclusões nítidas e certas. Podemos perfeitamente traçar quadros abstratos, que servem de base para nossos julgamentos; frequentemente as realidades concretas os transbordam. Sob pena de faltar à verdade e à justiça, os moralistas devem levar em conta,* ***com o maior cuidado, todas as circunstâncias às vezes múltiplas****.*» (R. Brouillard, *Catolicismo*, art. Cooperação, col. 167).

Agora, vamos tocar na complexidade desta questão da cooperação material. Nos princípios, todos dizem quase a mesma coisa. Não há erro aqui, é o que lhes apresentamos. Mas a aplicação desses princípios na prática e nas circunstâncias concretas muitas vezes gera opiniões contraditórias. Porque os «*moralistas*» *não levaram em conta,* ***com o maior cuidado, todas as circunstâncias às vezes múltiplas****.* Toda ciência exige não apenas conhecer os princípios que, sendo de ordem da verdade especulativa, são universais, mas também

aplicá-los adequadamente na realidade, levando em conta todas as suas nuances concretas e a contingença das coisas. Quantos estudantes falharam na solução de um problema de física porque aplicaram incorretamente ou fora de contexto uma fórmula matemática ou um teorema que, por outro lado, estava correto, mas não se adequava ao caso presente? A teologia moral não escapa a essa dificuldade. Daí, às vezes, esses julgamentos contraditórios para o mesmo caso concreto entre teólogos moralistas católicos.

Vários sacerdotes foram levados a julgar a moralidade das vacinas contra o coronavírus. E como se poderia esperar, diversas opiniões foram formuladas, variando do *não possumus* ao dever em consciência… Clérigos, baseando-se nos mesmos princípios, para alguns, concluíram pela obrigação de rejeitar categoricamente as vacinas contra a Covid-19, enquanto outros concluíram pela obrigação moral de recebê-las…

A principal pedra de toque nessa disputa foi o fato de que a maioria desses tratamentos foram desenvolvidos com o uso de células fetais.

É inegável que muitos vacinas são elaboradas com base em células humanas provenientes de fetos abortados, incluindo na experimentação genética contra o coronavírus, onde « *a proteína de pico codificada pelas vacinas foi desenvolvida originalmente em células fetais abortadas*», declara uma especialista na questão[9]. O fato de essas vacinas serem assim concebidas, produzidas e testadas levanta obviamente um problema moral. Pois, mesmo que a utilização dessas células não exija novos abortos, ela se origina de abortos criminosos que ocorreram nas décadas de 60, 70 e 80. O R.P. Joseph enumerou os pecados que foram cometidos para que se chegasse à comercialização de tais "vacinas": **o assassinato de crianças, sua vivisseção viva e sem anestesia para a extração de tecidos de melhor qualidade, a ausência de batismo que os priva de toda vida sobrenatural, o roubo e a usurpação de seus órgãos, a receptação e a exploração ilegítima de células humanas, o incentivo à criação de novas linhagens de células fetais e, finalmente, a cooperação na mercantilização do corpo humano**. Os principais culpados e responsáveis são, evidentemente, os laboratórios farmacêuticos envolvidos nessas ações criminosas, assim como todos os seus cúmplices que participam formalmente dessa atividade aterradora.

A questão moral mais difícil de resolver é a daquela que consente em receber tais vacinas. O R.P. Joseph escreve que, para resolver essa questão,

> «*as distinções que permitem identificar a natureza da cooperação e sua licitude são igualmente úteis para analisar a questão do direito de usufruir dos frutos do pecado.*»

E ele lembrava que

> «*uma cooperação com o pecado nunca é possível se for formal, ou seja, se o cooperador fez sua a intenção maligna do autor do pecado. Ela também é proibida se for imediata. Por imediata, entende-se uma cooperação no próprio ato do pecado [...] pois a ação à qual participa o cooperador seria um pecado. Resta o caso de uma cooperação mediata onde se presta um* ***auxílio indireto*** *ao pecado e* ***sem entrar na intenção*** *de quem o comete. Ordinariamente ilícita, a cooperação material e mediata distante pode às vezes ser lícita por motivos proporcionalmente graves.*»[10]

A questão é, portanto, saber se ao aceitar tal remédio, estou cooperando imediatamente com o pecado; se sim, devo proscrever este remédio; se não, tenho motivos *proporcionalmente e suficientemente graves para aceitá-lo.* Um fabricante de iPhone constrói seus aparelhos com mão de obra escrava e, portanto, barata na China. O fabricante peca, evidentemente. Mas ao comprar meu iPhone, e não aprovando sua intenção maligna, não estou cooperando nem formalmente com o mal nem de maneira materialmente imediata, pois comprar um iPhone não significa participar diretamente da escravidão. Mas ainda resta o caso de minha cooperação material de forma mediata: *tenho motivos proporcionalmente graves* para *prestar meu auxílio, mesmo que indireto, ao pecado do fabricante*? Se sim, posso comprar esse iPhone (**necessidade profissional**), se não, estou cooperando com o mal (**vontade de ter mais um aparelho na moda**).

O problema das vacinas é da mesma ordem, mesmo que subamos um nível no crime, pois aqui não se **trata mais do suor de seres humanos injustamente reduzidos à escravidão, mas do receptor de células humanas adquiridas criminalmente**. Mas a dificuldade é a mesma: ***sem dar meu aval, posso em certas circunstâncias aceitar cooperar materialmente com o mal de forma indireta?***

O R.P. Joseph conclui, por sua vez, que é moralmente **ilegítimo** e escandaloso**, « *mesmo que se trate de preservar os bens mais preciosos, como a saúde ou a vida, aceitar uma complicidade mesmo leve com tais pecados* », pois « *a aceitação de receber uma vacina que contém fragmentos de DNA não é constitutiva de uma cooperação material, mas imediata, a esse pecado "innomeável", que consiste em aceitar que o homem se torne "consumidor" de elementos do corpo humano oriundos do crime. De uma forma sem dúvida mais clara, imaginemos uma empresa da qual se sabe que funciona a partir de um grave roubo inicial de materiais com os quais todos os produtos que ela vende são confeccionados. Parece-nos que não se poderia comprar esses produtos a não ser por motivos muito graves e na medida em que não haja outra possibilidade. Encontramo-nos em uma situação semelhante com esses laboratórios, com uma circunstância terrivelmente agravante para eles [os fabricantes]. É evidente que seu roubo, sua usurpação inicial e sua exploração atual não são de materiais, mas de células humanas provenientes de uma criança dissecada viva.*»

Não compartilhamos as conclusões do R.P. Joseph, **que, aliás, são hesitantes:** Pois depois de insinuar uma impossibilidade moral, ele acrescenta: *« Parece-nos que não se poderia comprar esses produtos **exceto por motivos muito graves e na medida em que não haja outra possibilidade** ».* Isso significa que, em certos casos proporcionais, isso seria possível. **Acreditamos que sua análise peca em dois pontos principais e cruciais. Para que a cooperação material com o mal seja possivelmente lícita, é necessário e suficiente que a ação realizada não seja intrinsecamente má e que existam motivos proporcionalmente graves.**

Vamos mostrar que, em certas circunstâncias, poder-se-ia aceitar um remédio mesmo obtido por crime e contendo restos de células de fetos abortados. Uma ação que não é intrinsecamente má, mesmo que permaneça repugnante, pode em certos casos extremos ser lícita.

I. Uma ação não intrinsecamente má

Para tentar dar um argumento magisterial à sua opinião, o Padre Joseph cita as palavras do Catecismo do Concílio de Trento em sua explicação da sétima petição da Oração Dominical.

> *« Aqueles que levam uma vida conforme os preceitos do Senhor se abstêm de todos os remédios que Deus não destinou a essa finalidade; **mesmo que estivessem assegurados de curar por esse meio**, não deixariam de tê-los em horror como artifícios e encantamentos do demônio. »*

Prefeririam morrer, portanto, do que curar-se com a ajuda do diabo. A missa está celebrada! Não, pois essa citação não é aceitável. Colocada em seu contexto, percebe-se que o catecismo não fala de um remédio natural obtido de maneira imoral, mas, de fato, de um remédio que é, em si mesmo, contra a natureza, pois está diretamente e intrinsicamente ligado aos demônios. Aqui está o contexto da citação:

> «*Os infiéis também oram e com fervor... colocam a principal esperança de sua libertação em remédios da natureza ou da arte. **Eles vão ainda mais longe**, pois aceitam sem escrúpulo os remédios do primeiro que aparece, **mesmo que saibam que esses remédios foram preparados com sortilégios, magia e intervenção do demônio**. Basta para os determinar que tenham a menor esperança de recuperar a saúde. Mas a conduta dos cristãos é bem diferente... Assim, aqueles que pertencem a Jesus Cristo não colocam nessas receitas sua principal esperança de cura; mas confiamos sobretudo em Deus, que é o próprio Criador da medicina. Portanto, nossos Santos Livros repreendem fortemente aqueles que têm demasiada confiança na ciência e não pedem nenhum auxílio a Deus. **Há mais**, aqueles que levam uma vida conforme os preceitos do Senhor*

> *abstêm-se de **todos os remédios que Deus não destinou a essa finalidade**; mesmo que estivessem assegurados de curar por esse meio, não deixariam de tê-los em horror como **artifícios e encantamentos** do demônio.*»[11]

Um sortilégio é um remédio obtido pela invocação das forças demoníacas; um tal remédio é contra a natureza e **intrinsecamente mau. Nada pode justificar seu uso. Mas não é o mesmo** que um remédio fabricado por meios imorais, como aqueles obtidos pelo assassinato de crianças para lucrar com seu tecido celular. Esse crime é, sem dúvida, odioso, e os responsáveis pecam formalmente, mas tudo isso não torna o remédio intrinsecamente mau. Um outro exemplo pode ajudar a compreendê-lo: o transplante de coração é um remédio contra a natureza porque, para que funcione, é necessário retirar o coração de um homem ainda vivo para transplantá-lo imediatamente: assim, é preciso matar o homem para pegar seu coração; portanto, o transplante de coração é sinônimo de homicídio: um tal remédio é intrinsecamente mau. Mas não é o caso do transplante da córnea de um olho, que pode ser obtido após a morte natural.

A questão que se coloca, portanto, é saber se as linhagens de células fetais são absolutamente necessárias para a elaboração de vacinas, e mais particularmente do "vacina" contra a Covid-19. A resposta é não: é possível desenvolver vacinas com base em células de animais, ovos de galinha ou levedura. Aliás, é isso que várias empresas farmacêuticas estão fazendo: para criar sua vacina contra o coronavírus, as empresas Novavax, Sanofi Pasteur, GlaxoSmithKline (GSK) e Sinovac, por exemplo, usam linhagens de células derivadas de fontes adultas ou animais[12].

Entretanto, os laboratórios farmacêuticos geralmente preferem utilizar células oriundas de fetos, em vez de células adultas, que envelhecem mais rápido e param de se dividir. As células fetais também são menos suscetíveis a serem contaminadas por vírus ou bactérias, ou a terem sofrido mutações genéticas. Os principais responsáveis por essa prática criminosa são, em primeiro lugar, os pesquisadores, juntamente com os fabricantes e os comerciantes que utilizam essas linhagens celulares e, assim, incentivam a produção de linhagens similares por conveniência. Atualmente, **AstraZeneca** (em parceria com a Universidade de Oxford), **Moderna Therapeutics**, **CanSino Biologics/Beijing Institute of Biotechnology**, e **Inovio Pharmaceuticals** utilizam a linhagem de células renais de fetos chamada HEK-293, originada de um feto abortado em 1972 nos Países Baixos. Quanto à empresa **Janssen**, do grupo **Johnson & Johnson**, ela recorre à linhagem de células fetais PER.C6, derivada do tecido retiniano de um feto de 4 meses abortado nos Países Baixos.

Portanto, é claro que não há um vínculo intrínseco entre a vacina, por um lado, e o aborto, por outro. Assim, é falso afirmar, como alguns puderam escrever:

> « *que aquele que solicita voluntariamente receber a vacina anti-Covid-19, que contém linhagens celulares de fetos abortados, por esse mesmo fato, também solicita o feto abortado contido na vacina, que sem essas células fetais não poderia subsistir…* »[13]

II. Motivos proporcionalmente graves

É ainda claro que a responsabilidade do paciente que se vacina é bastante baixa em relação ao aborto de origem e às práticas comerciais culpáveis, a menos que ele tenha a opção de receber um remédio sem qualquer ligação com o crime. Mas se ele não tem escolha, deve ele recusar categoricamente tal remédio? Uma consciência bem formada sabe que a lei divina lhe proíbe cometer o que é mal, mesmo que seja o único no mundo a se opor a isso. Bem! Tudo depende das circunstâncias que cercam esse ato. Pois, como vimos, as circunstâncias podem mudar a natureza moral de um ato que não é intrinsecamente perverso.

Um exemplo nos fará tocar essa questão. É intrinsecamente perverso matar um inocente. Mas não é intrinsecamente perverso comer seu próximo. Mesmo que isso seja imoral e condenável na maioria dos casos, existem circunstâncias extremas em que o ato pode ser moralmente aceitável. O caso daquele **avião do Uruguai que se acidentou na Cordilheira dos Andes** em 1972 é bem conhecido: os 16 sobreviventes do

voo conseguiram permanecer vivos e esperar pelo socorro durante dois meses a 4.000 metros de altitude, comendo os corpos dos que morreram (29) no acidente. Eles fizeram isso sem nenhuma falta moral. Mas, devido a uma repugnância invencível, poderiam também ter optado por deixar-se morrer. Pois nosso dever de cuidar de nossa vida vale apenas para os meios ordinários; agora, comer carne humana para sobreviver é e sempre será um meio muito extraordinário. Ninguém é obrigado a isso; mas ninguém pode também proibí-lo. Poderíamos até citar o caso de um grupo **de fugitivos do Gulag** que, morrendo de fome, brigam e em que um deles é injustamente morto por alguns do grupo para que se alimentem de sua carne: nesse caso, temos o caso imoral do canibalismo. Mas imaginemos um fugitivo que não quis a morte do inocente, que até tentou intervir sem sucesso na disputa criminosa. O resultado do crime está ali: um morto e carne. Posso tirar proveito desse mal que não desejei, uma vez que estou morrendo de fome? Acreditamos que, nesse caso, a cooperação material é permitida, pois existem **motivos proporcionalmente graves.** Assim como acreditamos que, se houvesse uma epidemia realmente e massivamente mortal e o único remédio existente fosse um remédio obtido de maneira imoral, utilizando células de um feto abortado, eu poderia ainda assim tomá-lo, estando em uma situação de cooperação material e indireta **e havendo motivos graves proporcionais.**

Tudo isso não tem por objetivo justificar a ciência sem consciência, mas chamar sua atenção para o fato de que esse debate sobre a imoralidade das "vacinas" contra o coronavírus, baseado no aborto, é um falso argumento que nos desvia dos verdadeiros desafios da política vacinal. O R.P. Joseph, portanto, cometeu um erro, em nossa opinião, ao valorizar esse falso argumento. Certamente e felizmente, ele não quis negar, « *a reflexão moral sobre os aspectos* ***médicos*** *e* ***políticos*** *da vacinação* », mas quis se concentrar em uma *« conclusão* ***moral*** *sobre as HEK-293* ».[14] Contudo, não só sua *conclusão moral* nos parece contestável, como principalmente ela é muito secundária em relação aos problemas que essas novas terapias genéticas não controladas trazem, com consequências médicas potencialmente graves e politicamente liberticidas.

III. As vacinas são realmente os remédios que nos vendem?

Alguns ficaram escandalizados que Francisco, seguindo Bento XVI, tenha argumentado com o princípio geral da cooperação material distante por motivo grave para permitir o uso de vacinas provenientes de linhagens fetais. O problema não está aí, como já vimos. O que é escandaloso é a aplicação falsa que fazem disso: para Bento XVI a respeito da vacinação contra o sarampo[15] e Francisco em relação ao coronavírus[16]. O problema é que se fala da política vacinal como se fosse um fato médico comprovado, enquanto na verdade estamos diante de uma impostura político-farmacêutica. E essa **impostura reside, antes de tudo, no fato de que essas vacinas não são os remédios que nos vendem!**

Pois se as vacinas contra o sarampo e a Covid-19 fossem realmente remédios seguros, inócuos e eficazes, a conclusão de Francisco ou de Bento XVI seria justificável. Mas, neste caso, isso não é verdade. E aí está o drama e o escândalo. Quantos de nós já ouviram falar de crianças que desenvolveram sarampo mesmo tendo sido vacinadas completamente? A vacinação não é uma imunização; é apenas a produção de anticorpos elevados, muito específicos, que não garantem a imunidade[17]. Na realidade, 95% das mortes causadas pelo sarampo já haviam sido eliminadas ***sem vacinação***, graças à imunidade coletiva natural e à luta contra a desnutrição infantil e as más condições sanitárias... Além disso, sabemos que os adjuvantes das vacinas (alumínio, mercúrio, sulfato de amônio, beta-propiolactona, formaldeído, polisorbato 80, fosfato de tributila, glutaraldeído, gentamicina, fenoxietanol, células humanas e animais cancerizadas, leveduras OGM, dentre outros), são produtos oficialmente reconhecidos como tóxicos, perigosos e degenerativos. E é porque a natureza dada por Deus é tão bem feita e se defende contra esses venenos que são injetados com as vacinas que os dramas não são mais frequentes do que já são. Pois nossas defesas imunológicas têm seus limites, especialmente em crianças pequenas que ficam mais doentes do que eram antes.

Por que eu deveria confiar nessas grandes empresas farmacêuticas e nesses políticos que tomaram cuidado para não serem juridicamente responsáveis pelos efeitos colaterais das vacinas? Nesta impostura da política vacinal, existe uma parte submersa e, como nos icebergs, ela representa 9/10 do problema: a corrupção. A corrupção das autoridades médicas e políticas por parte da Big Pharma é colossal: eles impuseram seus

produtos apesar de algumas contraindicações; o silêncio sobre as mortes ligadas à sua “vacinação” é regra; quando os efeitos colaterais desastrosos e trágicos não podem ser ocultados, concluem que se trata de uma

> « *fotosofia incômoda* »: a concomitância não é a causalidade (possivelmente verdade, mas os laboratórios se recusam a realizar os estudos que provariam a causalidade...). Aqueles que ainda acreditam na mentira da indústria farmacêutica e no mito das vacinas sem efeitos colaterais destrutivos, vejam: « *As pessoas tentadas a sucumbir à VACINAÇÃO deveriam assistir aos documentários* ***VAXXED I & II*** *antes que seja tarde demais, pois brincar de roleta russa não é sem perigo...* »[18]

A ciência sem consciência produziu uma medicina moderna que pode destruir mais vidas de um lado do que salva do outro. As vacinas não são remédios elaborados por médicos que buscam **curar sem prejudicar**, mas sim produtos elaborados por « *aprendizes de feiticeiros* » e comerciantes sem escrúpulos que buscam **enriquecer** apesar dos efeitos devastadores de seus produtos: autismo, Alzheimer e outras patologias graves ou mortais. Uma avaliação epidemiológica por meta-análise dos distúrbios de neurodesenvolvimento após a administração de vacinas entre 1994 e 2000 nos Estados Unidos declara:

> « *Riscos significativamente aumentados (dependendo do sexo, idade, tipo de vacina e fabricante da vacina) de autismo, distúrbios de linguagem, deficiência mental, distúrbios de personalidade, anomalias de pensamento, ataxia[19] e distúrbios neurológicos em geral foram associados à exposição ao TCV (vacina conjugada contra a febre tifoide)* »[20]« *Os resultados deste estudo são compatíveis com vários estudos já publicados. Esses estudos mostram que há uma plausibilidade biológica e evidências epidemiológicas que mostram uma* ***relação direta entre doses crescentes de mercúrio provenientes de vacinas*** *contendo timerosal e* ***distúrbios do neurodesenvolvimento, e entre vacinas contra o sarampo e distúrbios neurológicos graves****. Recomenda-se a remoção do timerosal de todas as vacinas e a realização de estudos adicionais para produzir uma vacina ROR com um perfil de segurança melhorado.* »[21]

Portanto, o que é escandaloso não é mencionar em si o princípio geral da possibilidade de uma cooperação material distante por motivo grave, mas aplicá-lo falsamente às vacinas e endossar essa criminosa impostura da indústria farmacêutica. O que é especialmente escandaloso é que o muito globalista Francisco, abusando de sua aparente autoridade de vigário de Cristo, espalhe as mentiras do diabo ao declarar:

> « *Acredito que, do ponto de vista ético,* ***todos deveriam se vacinar. Não é uma opção, é uma escolha ética*** *porque você está lidando com a saúde, com a vida, mas também com a vida dos outros. Na próxima semana, começaremos a fazê-lo aqui (no Vaticano).* »[22]

IV. Das "vacinas" anti-Covid

Agora falemos mais especificamente das famosas vacinas anti-Covid. **Nesta gigantesca impostura do Covid-19, quase tudo é falso**: Nunca houve uma pandemia, mas simplesmente uma epidemia cuja mortalidade é comparável à de uma forte gripe de inverno.

> « *Richard Horton, editor-chefe do Lancet, indicou isso em setembro de 2020, “o covid-19 não é uma pandemia”, longe de afetar toda a população, é grave quase exclusivamente apenas em algumas pessoas idosas ou frágeis.* »[23]

A OMS mudou a definição do termo "pandemia", excluindo a alta mortalidade, a fim de poder classificar qualquer epidemia (sem alta mortalidade) como pandemia. A realidade é que, na França, 99,965% das pessoas contaminadas por este coronavírus sobreviveram ao vírus. No que diz respeito aos 0,035% que morreram, a imensa maioria desses óbitos envolvia pessoas com mais de 80 anos ou com patologias severas.

Onde está a pandemia? 0,035% de letalidade! Nada a ver com a mortalidade da peste negra do século XIII na Europa: entre 30 e 50%.

A pandemia só existiu no **discurso oficial, mentiroso e criminoso** das elites político-midiáticas: mentiroso e criminoso porque foi feita uma obliteração da realidade de forma consciente e voluntária. A melhor prova disso é o artigo fraudulento do maior jornal de medicina *The Lancet* contra a hidroxicloroquina: apesar de sua retratação, os poderes corrompidos mantiveram sua política "sanitária" respaldada por este artigo fraudulento. O Prof. Denis Rancourt resume bem a impostura:

> « *Imagine um vacina tão segura, que você deve ser ameaçado para tomá-la, contra uma doença tão mortal que você deve ser testado para saber se a tem.* »

Todos os anos, os serviços hospitalares e de terapia intensiva estão saturados devido a uma política que leva à redução de leitos e a restrições orçamentárias. **Graças a uma superexposição midiática deste fenômeno habitual, eles criaram a ilusão de um fenômeno extraordinário**. **Assim, criaram uma pandemia virtual no papel transformando pessoas sem qualquer sintoma e saudáveis em doentes do vírus. Essa ilusão foi possível graças ao uso fraudulento do teste PCR.** O inventor dos testes, o Prêmio Nobel de Química, Dr. Kary Mullis, que morreu pouco antes da crise (!), declarou que nunca desenvolveu essa técnica para detectar vírus ou doenças, mas para pesquisa médica[24]. O Dr. Michael Mina, epidemiologista de Harvard, ressalta que a amplificação máxima para identificar um patógeno é de 25, com 30% de erro. No entanto, todos os laboratórios do mundo realizaram amplificações anormais de 37 a 45: o que significa que cerca de 97% a 99% dos testes são falsos positivos[25]. Portanto, testar uma população saudável com um teste que dá 1 a 3% de resultados confiáveis como base para medidas de confinamento e outras medidas liberticidas é totalmente injustificado, desproporcional e criminoso. É o despotismo do irracional.

Criminoso, pois essas medidas são uma forma de tortura psicológica em massa: vê-se o surgimento de suicídios de crianças de dez anos que não querem mais viver em um mundo de loucos, mascarados e confinados… Essa máscara inútil, mas normalmente usada, modifica as aparências e os relacionamentos entre as pessoas, gerando um visual *desagradável, angústia, falta de ar, humilhação diária; a "vida" consistiria em se submeter a testes, retestes, novos testes mesmo quando não se está doente, porque eu encontrei um caso de contato de um caso de contato, que por sua vez encontrou, por acaso, um caso de contato… um mundo de loucos à la doutor Knock onde* « *todo bem-portante é um doente que ignora* »!

Criminoso, pois se houve poucas mortes, houve mortes que foram impedidas de serem tratadas pela proibição de verdadeiros remédios rápidos, eficazes, baratos, com poucos efeitos colaterais: Ivermectina ou Stromectol, Azitromicina, Claritromicina, Artemisia Annua... **Mentiroso**, pois houve ataques midiáticos sistemáticos para desqualificar os melhores especialistas (Raoult, Perrone, Toussaint, Toubiana, Henrion-Caude…) que contradiziam o discurso ideológico dos laboratórios veiculado pelos políticos e jornalistas do sistema. Por inversão acusatória, os verdadeiros cientistas se tornaram, senão charlatães, pelo menos incompetentes… **Criminoso**, portanto, pois em vez de curar as populações, o poder político-midiático nas mãos da alta finança e adepto do transhumanismo preferiu aterrorizar as populações, atacando sua integridade física e moral (máscaras, confinamento, mensagens falsas e estressantes que fragilizam as defesas humanitárias...) e sua liberdade de pensar (censura de opinião). Eles bombardearam a massa com injunções contraditórias e absurdas para obrigá-la a não entender nada e agir cegamente: ame seus entes queridos ao se afastar deles; pegue o metrô, mas não vá ao restaurante; antes das 18 horas não há perigo, mas depois sim, daí vem o toque de recolher... É propaganda e totalitarismo em estado puro, como no mundo Orwelliano: *a escravidão é a liberdade*!

Em vez de deixar as pessoas se tratarem, os poderes políticos compraram da Big Pharma remédios inúteis e perigosos, chamados **"vacinas de ARNm**", quando na verdade se trata de uma **experiência genética**. E aqui o R.P. Joseph tem razão em escrever:

> « *Ao risco de surpreender, não hesitamos em escrever que essa manipulação do patrimônio genético constitui um motivo moral para se opor à vacina, ainda mais grave do que a utilização de células humanas provenientes de crianças sacrificadas.* »

Não temos o direito de brincar de “roleta russa” ao nos deixar modificar geneticamente, envenenar ou intoxicar com nanopartículas para nos tornarmos um objeto conectado, escravo do melhor dos mundos transhumanistas. A Sra. Alexandra Henrion-Caude, geneticista em RNA, explicou claramente que se tratava de uma terapia gênica, mas que “terapia” implica doença genética, enquanto a falsa vacina anti-Covid 19 se dirige a pessoas que não têm doenças genéticas, portanto, irá agir sobre um DNA saudável, e muito provavelmente, irá modificá-lo. Assim, « *Somente Deus é o Senhor da vida e da integridade do ser humano… O homem não é proprietário do seu corpo: ele tem o usufruto, e portanto, deverá prestar contas ao Criador pelo uso que dele fez.* »[26]

Em suma, a desproporção entre o efeito esperado e os riscos do suposto remédio é tão grande que mesmo sem considerar o fator satânico do projeto transhumanista, que é fundamental, sem ele já há todas as razões para rejeitar tal remédio. Soumya Swaminathan, chefe de pesquisa da Organização Mundial da Saúde:

> «Não acredito que tenhamos provas, em nenhum dos vacinas propostas, de que elas podem impedir as pessoas de **contrair** o vírus e de **transmiti-lo**.»

Bem, um remédio por nada. Não temos certeza quanto à sua eficácia tanto curativa quanto preventiva. Estamos falando de resultados em 2023... E não temos nenhum recolhimento para afirmar que é inofensivo.

Ao contrário, observamos muitos efeitos colaterais sérios: uma **anotação explicativa publicada pela empresa de laboratório Pfizer-BioNTech** recomendou especificamente "para mulheres reprodutivas, excluir qualquer a gravidez antes da vacinação e durante os 2 meses que seguem a segunda dose da vacina"; adicionamos depois "que não sabemos se o vacina Covid 19 ARNm BNT162b2 terá um impacto na **fertilidade**"[28]. No dia **8 de maio de 2021**, a **Agência Europeia de Medicamentos (EMA)** responsável pela avaliação e supervisão dos medicamentos que registram todas as suspeitas de efeitos indesejáveis, incluindo aqueles dos vacinas, publicou um relatório que pouco recebeu atenção dos principais meios de comunicação. Ela havia registrado **10 570 mortes e 405 259 danos graves** (problemas com o sangue, sistema linfático, problemas cardiovasculares, etc...) resultantes da injeção de um dos quatro vacinas experimentais](https://vaccineimpact.com/2021/10570-dead-405259-injuries-euexperimentais (Moderna, Pfizer-BioNtech, Astrazeneca, Johnson & Johnson). E o balanço das mortes pós-vacinais, já assustador em si mesmo, é ainda mais alarmante porque os números são minimizados. De todas as mortes relatadas, 38% ocorreram menos de 48 horas após que as pessoas foram vacinadas. **O balanço oficial das mortes nos Estados Unidos em cinco meses é maior que todas as mortes pós-vacinais registradas nessas últimas 20 anos, em todos os tipos de vacinas**. No entanto, essas fatos desconfortáveis são ocultados pelos principais meios de comunicação do mundo todo.

Quando os especialistas apresentam fatos falsos, fazem isso mais pela corrupção do que pela falta de competência. O antropólogo Jean-Dominique Michel ressaltou que por 40 anos a **indústria de tabaco** financiou estudos "médicos" que afirmavam provar os benefícios do tabaco para a saúde 29. O cálculo da indústria é simples, embora cínico: lançamos um produto com forte publicidade, escondemos os problemas, arrecadamos 12 bilhões e depois pagamos uma multa de um bilhão quando os problemas explodem. Benefícios de 11 bilhões. Depois começamos tudo de novo com um novo produto... A indústria farmacêutica é apenas uma rama da alta finança sem pátria e cosmopolita e só tem um objetivo: maximizar os lucros a qualquer custo: a saúde das pessoas é o último em sua preocupação. A corrupção é sistêmica (não sistemática): não todos os médicos, mas a lógica estrutural está projetada para favorecer a riqueza financeira. Segundo especialistas que tiveram coragem de se aprofundar neste problema, a realidade é a seguinte: **a indústria farmacêutica tem as mesmas práticas que a máfia e o crime organizado**... Leia sobre isso no meu artigo: _Do OxyContin dos Sackler para o Covid 19 de Bill Gates**[30]**_ . Uma empresa farmacêutica

criada por dois irmãos judeus, os Sackler, é responsável pela crise major de **adição a opioides**, que resultou em centenas de milhares de mortes nos EUA. Cerca de 300.000 pessoas nos EUA durante 20 anos, incluindo 72.000 apenas no ano de 2017: É **a história de um analgésico apresentado como sem risco de dependência** por uma família de filantropos...

Com a falsa vacina contra COVID, devemos nos basear na palavra das empresas cujas condenações são contadas por centenas tanto civilmente quanto penalmente: Nos EUA, desde o ano 2000, **em 20 anos**, **Pfizer** foi condenada 71 vezes no valor de quatro bilhões e seiscentos milhões de dólares. **Purdue Pharma**, empresa pertencente à família judia dos Sackler, responsável pela maior catástrofe sanitária nos EUA, foi condenada 10 vezes no valor de nove bilhões e cento e dez milhões de dólares. **Johnson & Johnson** foi condenada 58 vezes no valor de quatro bilhões e duzentos milhões de dólares. **GlaxoSmithKline** (sem linhagens celulares fetais) foi condenada 34 vezes no valor de sete bilhões e oitocentos milhões de dólares. **Merck** foi condenada 80 vezes no valor de cinco bilhões e seiscentos milhões de dólares. **Teva Pharmaceutical** foi condenada 53 vezes no valor de dois bilhões e setecentos milhões de dólares. **Novartis** foi condenada 39 vezes no valor de dois bilhões e quinhentos milhões de dólares. E assim por diante.

A corrupção e do desejo de lucro não explicam tudo. O discurso oficial estabeleceu uma **doutrina mentirosa sobre o Covid** que se resume nos seguintes pontos: epidemia grave (falso), não existe remédio eficaz (falso), medidas restritivas são necessárias (falso: elas são contraproducentes: psicológica, emocionalmente, econômica e socialmente), e quase desde o início, precisamos de uma vacina, é a única saída para voltar à vida normal (falso, a vida normal é uma vida sem vacina!). A epidemia era na verdade gerenciável e se tornou uma catástrofe apenas por decisão política porque a medo foi a única maneira de implementar um **estado de emergência liberticida** e necessário para promover um **cambio paradigmático**. Para lutar contra o resfriado dos grilos que alguns chamaram de Cohen19 ou coronacircus, um relatório do Senado de junho de 2021 recomenda a atividade de uma '**plataforma digital**', nomeada Crisis Data Hub, em referência ao Health Data Hub [implementando] com base na gravidade da epidemia: **ferramentas de informação e coordenação** para um "crise moderada", ferramentas de recolocação (como enviar uma mensagem de texto) no caso de uma situação mais grave, e medidas mais fortes para os casos extremos, por exemplo **a desativação do título de transporte ou contas bancárias de uma pessoa que violasse a quarentena.** [...] Não estamos propostas de limitar as liberdades, estamos procurando um meio de recuperá-las. '" (Public Senat) É Big Brother quem nos diz: *a escravidão é a liberdade!*'"

O projeto político não tem nada a ver com a vacinação. O objetivo é controlar numericamente as pessoas como rebanho. O objetivo é controlar os movimentos de cada indivíduo e poder proibir a qualquer pessoa o deslocamento ou entrada em um lugar, público ou privado. **A vacinação é o meio para fazer aceitar à população seu próprio rastreamento**: **sua vida pertence ao Estado!** Muito rapidamente, esse sistema de controle incorporará novos parâmetros. Com o passaporte interior hipócritamente chamado de vacinal, o sistema poderá desligar quem quer que seja da sociedade: por um comentário nos meios de comunicação social, uma acusação de racismo em meio multicultural, uma crítica contra as lésbicas, ou recusa à vacinação, será impossível pagar algo ou se mover se o sistema não permitir. Em suma, o totalitarismo na sua toda horrenda. O mundo como antecâmara do inferno, é exatamente o objetivo dos anjos caídos.

Pouco a pouco, o governo, com a ajuda da inteligência artificial, terá um poder quase total sobre as pessoas. E quando uma moeda digital e o passaporte sanitário estiverem em prática, qualquer pessoa poderá ser socialmente condenada em apenas dois cliques. O que estamos vivendo **não é uma crise sanitária mas uma mudança de mundo**, uma mudança de paradigma querida pelos poderosos para deslocar todos os sistemas humanos para reinicializá-los conforme sua visão, e esse objetivo é satânico: **a subordinação total da espécie humana** anunciada pelas Escrituras Sagradas: em linguagem política se fala de golpe de Estado ou de um assalto mundialista mas em linguagem teológica se fala do poder da besta anti-cristã que exerce sua dominação universal (para um tempo que será abreviado pelo retorno do Cristo). O perigo não é o coronavírus, mas a república totalitária que, com uma polícia colaboradora e infantilizada - porque essa polícia não hesitou em abrir 2,2 milhões de ofícios policiais contra os franceses que recusaram a reclusão arbitrária em suas casas e saíam normalmente sem este absurdo de certificados de autorização para sair, etc., - controla e organiza um mundo de escravos.

Este plano criminal só pode ser implementado através de mentiras e medo. Porque se as pessoas seguissem a verdade e a realidade, elas compreenderiam que não há obrigação de receber um falso tratamento médico para uma doença que não têm; mais ainda, posso me proteger disso fortalecendo naturalmente meu sistema imunológico, e no pior dos casos, sempre posso me curar da infecção viral tomando vitaminas ou medicamentos que foram comprovados, como ivermectina e hidroxicloroquina. Mas uma multidão esmagada ou apostata merece ser dirigida pelos adoradores de Mamon. Porque para impedir a construção do Gulag, é necessário viver na verdade e saber que essa vida no mundo terrestre não é a vida real.

V. O COVID-19: um pretexto para o asservimento total da espécie humana

Entre os sacerdotes que tentaram, com mais ou menos sucesso, refletir sobre a moralidade das vacinas contra o COVID-19, a impostura política-mediática foi muitas vezes ignorada, minimizada ou até mesmo negada, o que mostra que um Padre pode ser muito bem parte da massa enganada e desacreditada.

1. O Padre Arnaud Sélégny cometeu a mesma falha de abordagem que o Pároco Joseph, embora as suas conclusões sejam contrárias. O professor do seminário de Écône faz naturalmente as distinções clássicas sobre cooperação no mal.

> « *Esta chamada "cooperação no mal", o ato de ajudar um pecador a cometer seu pecado, independentemente da ajuda prestada. Para que exista, a ação do cooperador deve ter uma influência real sobre o ato ruim, pela ajuda prestada para produzi-lo… Esta última é considerada* ***imediata*** *quando o cooperador realiza com o pecador o ato do pecado, por exemplo, se ele ajuda o ladrão a levar o saque e a escondê-lo. Este é também o caso da ajuda cirúrgica que realiza algumas partes de um aborto junto com o abortista. A cooperação é dita* ***mediata*** *quando o cooperador fornece o que servirá ao pecador – material, ação necessária, meio – ou que lhe permitirá fazer isso mais facilmente. Assim, aquele que segura a escada para o ladrão, ou a enfermeira que assiste o médico abortista. Esta cooperação mediata, finalmente, pode ser mais ou menos "próxima" ou "distante", dependendo de quão a ajuda prestada influi mais ou menos no pecado cometido, ou tem uma conexão mais ou menos grande com ele. Assim, fornecer um ídolo a um pagão é uma cooperação próxima. Mas vender a madeira da qual o ídolo será feito é uma cooperação distante. Além disso, dependendo da intenção, distingue-se a cooperação* ***formal****: o cooperador consente voluntariamente no pecado ao qual presta ajuda. Assim, aquele que ajuda um assaltante fazendo a vigilância, por exemplo, ao mesmo tempo em que aprova esse pecado, coopera formalmente. Ele será chamado de "cúmplice" pelo direito. A cooperação é* ***material*** *quando o cooperador não quer o pecado, mas age prevendo que o pecador abusará de sua contribuição para pecar. Assim, o proprietário de um bar que aceita fornecer algumas bebidas a um cliente já embriagado, apenas pelo dinheiro, participa do pecado de embriaguez, mas não se associa à intenção do bêbado.* »[31]

Mais todas essas generalidades, que por outro lado são muito corretas, serão aplicadas incorretamente no caso da vacina contra o Covid-19. O Sr. o Padre Sélégny escreve:

> « *Interessa-nos aqui* ***apenas a seguinte questão****: o aspecto moral da utilização de uma vacina anti-Covid em relação à sua preparação ou fabricação.* »

E ele conclui:

> « *As vacinas que utilizaram uma preparação moralmente ilícita devem, tanto quanto possível, ser deixadas de lado. Mas se, em um caso particular, uma pessoa se vê na necessidade de se vacinar, e na impossibilidade de obter uma vacina "lícita", tendo à sua disposição apenas uma vacina "ilícita"? Isso pode ocorrer por motivos de saúde ou devido à situação profissional... A*

cooperação sendo apenas distante, e a razão invocada sendo suficientemente grave, é possível, nesses casos, utilizar tal vacina. »

Isso não é errado em si, mas não corresponde ao problema concreto apresentado pela política vacinal contra o Covid. **Esse julgamento se torna errado porque não quis tratar de todas as circunstâncias que cercam a operação vacinal que, na verdade, não é vacinal!** O Padre Sélégny dá, sem se dar conta, as razões que o impediram de concluir de forma justa e prudente:

« *É preciso afirmar claramente que estamos aqui no domínio de um julgamento de prudência, que não pode ser uniforme para todos e em todos os casos. A teologia moral diz o que é lícito ou ilícito. Ela fornece os princípios. Mas cabe à prudência pessoal julgar caso a caso a aplicação deles.* ***Quanto aos elementos externos a esta questão, eles são da ordem da opinião pessoal. Como toda opinião que não pode ser provada absolutamente, é vão e impossível querer impô-la a todos****. Cada um é livre de ter sua opinião sobre a origem do Covid-19, sobre a maneira como foi gerenciado aqui ou ali, sobre a política de vacinação de tal ou tal país, sobre a vacinação em geral; mas todos esses elementos não mudam nada à conclusão moral aqui apresentada.* »

E é aí que reside o problema. Com a impostura do Covid, não estamos no domínio da opinião mais ou menos *contestável*, mas no domínio dos fatos suficientemente *constatáveis*! O professor Christian Perronne escrevia em sua mensagem aos franceses:

« ***Todas essas medidas [de medo] são feitas para que os franceses solicitem uma vacina***. Ora, qual é o interesse de uma vacinação generalizada para uma doença cuja mortalidade é próxima de 0,05%? Nenhum. **Essa vacinação em massa é inútil. Além disso, os riscos da vacinação podem ser maiores do que os benefícios.** O mais preocupante é que muitos países, incluindo a França, dizem estar prontos para vacinar nas próximas semanas, enquanto o desenvolvimento e a avaliação desses produtos foram feitos às pressas e nenhum resultado de eficácia ou periculosidade dessas vacinas foi publicado até o momento. Só tivemos direito a comunicados de imprensa das indústrias fabricantes, que permitiram fazer disparar suas ações na bolsa. **O pior é que as primeiras "vacinas" que nos são oferecidas não são vacinas, mas produtos de terapia gênica...** Não conhecemos absolutamente as consequências dessa injeção, pois é uma primeira vez em humanos... Existe, portanto, um risco real de transformar nossos genes definitivamente. Há também a possibilidade, pela modificação dos ácidos nucleicos dos nossos óvulos ou espermatozoides, de transmitir essas modificações genéticas a nossos filhos. As pessoas que promovem essas terapias gênicas, falsamente chamadas de "vacinas", são **aprendizes de feiticeiros** e tratam os franceses e, de modo geral, os cidadãos do mundo, como **cobaias**. Não queremos nos tornar, como os tomates ou o milho transgênico, OGM (organismos geneticamente modificados)._ »

A utilização de células de fetos abortados, por mais dramática que isso seja, é apenas um problema de cooperação material distante aceitável em certos casos. Mas, a propósito, esse não é o problema, e não é tratando desse problema acessório e secundário que se clarearão as consciências sobre a obrigação moral que temos de recusar essas « *terapias gênicas, falsamente chamadas de "vacinas"*. » Não temos o direito de permitir que uma substância desconhecida seja injetada em nós por comerciantes mafiosos, assim como não devemos aceitar ser cobaias nas mãos de aprendizes de feiticeiros. Repitamos isso com Pio XII:

« *Deus é o único Senhor da vida e da* ***integridade do ser humano****... O homem não é o proprietário: ele tem o usufruto, e deverá, portanto, prestar contas ao Criador do uso que fez.* »[32]

Se o Padre Sélégny negligenciou esse aspecto essencial, recusando-se a tratá-lo e relegando-o à categoria de opiniões pessoais e livres, um sacerdote americano não hesitou em negá-lo pura e simplesmente. Ele teve a boa ideia de permanecer anônimo, pois seu artigo, que foi publicado no site da FSSPX do distrito dos Estados Unidos, é ao mesmo tempo escandaloso e estúpido. Tão escandaloso e estúpido que o distrito da

FSSPX desde então removeu este artigo de seu site e o substituiu pela seguinte declaração:

> *O distrito dos Estados Unidos da Sociedade São Pio X convocou recentemente um grupo de sacerdotes, teólogos e especialistas médicos para aprofundar essa questão, sob a direção da Casa Geral de Menzingen.*

O que dizia esse artigo: Primeiramente, partia da premissa de que estamos em pandemia… (**fora de contexto** – ele perdeu o contato com a realidade… com tal premissa, todo o resto se tornava inadequado e falso); e, portanto, aguardava pela entrega de uma boa vacina… Sua conclusão: não há nenhum problema moral em receber as vacinas contra o Covid-19, e isso poderia até ser um dever moral recebê-las para proteger a saúde. Ouçamo-lo e notemos mais uma vez que ele também parte de princípios morais justos para concluir qualquer coisa, porque os aplica incorretamente. Nunca devemos esquecer, para os outros como para nós mesmos, essa capacidade assustadora que o homem tem de raciocinar erroneamente a partir de princípios justos (capacidade que não é uma necessidade, mas uma consequência das feridas do pecado original):

> « *A cooperação material existe quando uma pessoa participa de alguma maneira de uma ação errada, por exemplo, ao se beneficiar de suas consequências, mas sem compartilhar suas más intenções. Na verdade, se não houver outras alternativas, a participação nessa vacina ou tratamento poderia até ser considerada necessária... de modo que onde não há alternativa a tais vacinas, e quando a saúde das crianças ou da comunidade em geral exige, não apenas é permitido usar tais vacinas para as quais não há alternativa, mas às vezes pode ser até obrigatório.* »[33]

Tudo isso é absolutamente insensato no caso que nos ocupa. Este artigo está fora de contexto, não querendo ver que esta crise do Covid não tem nada a ver com a realidade ou a saúde, mas que é uma estratégia para uma Grande Reinicialização transhumanista desejada pelo Príncipe deste mundo e seus súditos. Felizmente, dois sacerdotes alemães da mesma congregação entenderam melhor a essência do problema e o trataram de forma mais pertinente: os Padres Stefan Frey[34] e Peter Lang[35].

O Padre Frey, Superior do Distrito da Áustria da FSSPX, escreveu:

> « ***A evidência dos fatos*** *nos leva, infelizmente, à constatação de que a campanha de vacinação mundial está a serviço de uma agenda política[36], cujo objetivo é trazer uma nova ordem mundial à humanidade,* ***uma ditadura segundo o modelo socialista, que nos retirará a esfera privada e a liberdade****... Temos o direito de nos submeter a tais concepções desdenhosas da natureza humana e anticristãs, sem engajar uma resistência? [...] devemos manifestar nossa extrema preocupação moral em relação à atual vacina contra a Covid e lembrar insistentemente para não se submeter à vacina.* »

É tímido, mas o essencial está dito. Infelizmente, seus superiores lhe ordenaram, não que ele se retratasse diretamente, mas que se contradissesse ao publicar um novo editorial adotando a posição desincarnada do Padre Arnaud Sélégny[37].

O Padre Lang, um sacerdote alemão da FSSPX, é muito mais claro e direto. Primeiro, ele lembra que com a gripe aviária em 2005, a gripe suína em 2009, o vírus Ebola em 2014 e o vírus Zika em 2016, a cada vez, o mundo político-midiático nos assustou apresentando esses vírus como muito perigosos, com a única e última solução: a vacinação... A cada vez, foi uma mentira, mas, entre isso, milhões de doses de vacinas geraram bilhões de lucros para a indústria farmacêutica. Após esses ensaios frustrados, a grande jogada do "Coronavírus 2019" chegou: permanecemos no mesmo tipo de mentira, mas com uma dimensão transhumanista e de mercantilização do ser humano a mais, ou seja, a mentira não atende apenas aos interesses de comerciantes mafiosos sem escrúpulos, mas também, diz lucidamente o Padre Lang,

> « *poderes de fundo* ***de essência satânica*** *que desejam instalar uma nova ordem mundial, globalista e comunista sobre as ruínas da ordem atual.* ***Uma nova ordem deliberadamente sem Deus, sem ordem natural, sem Lei e sem Justiça***. »

Finalmente, um sacerdote que tem a boa ideia de reposicionar o problema em todos os seus aspectos e questões, lembrando que temos que lutar contra forças « ***de essência satânica*** ». O transhumanismo é, de fato, um projeto satânico que visa libertar-se, por meio do progresso técnico de maneira utópica e, portanto, destrutiva, de nossa condição de criatura mortal e limitada. Este pecado contra Deus é o famoso pecado do homem que se faz Deus, na mesma veia que o de Lúcifer e de Adão... Nada de novo sob o sol...

Ainda de maneira muito lúcida, o Padre escreve:

> « *Portanto, devemos esperar que em breve seremos, de uma maneira ou de outra,* ***forçados a esta vacinação****, com alguns países já oferecendo facilidades de viagem a indivíduos que foram vacinados (a coerção será, portanto, essencialmente social: aqueles que se recusarem serão designados como "egoístas temerários" ou "perigos para si mesmos e para seus semelhantes").* »

O Padre Lang também é muito pertinente ao apresentar um argumento essencial para recusar em consciência as supostas vacinas contra o Covid; um argumento compreensível por qualquer pessoa razoável que não tenha fé e cuja profundidade teológica da situação possa passar despercebida:

> « O único fator de **negligência flagrante** com o qual a vacina contra a Covid-19 foi desenvolvida **deveria já ser suficiente para rejeitar categoricamente a injeção dessa vacina**. Ninguém pode e não deve ser forçado a assumir as consequências da irresponsabilidade com que a vacina foi desenvolvida... Para os investidores, as falas são claras. Mas não para nós, os humanos, os cobaias. No caso da Covid-19, portanto, é a **primeira vez** na história da vacinação que uma metodologia baseada em ARNm é utilizada... [**Nota:** Quem, ao comprar um novo produto sem conhecer seus efeitos, não o testa primeiro em uma pequena superfície e aguarda para constatar os efeitos antes de fazer um uso massivo?] *A administração dessa vacina de ARNm não é nada menos do que uma* ***revolução contra Deus e contra a ordem*** *que Ele estabeleceu na natureza. O homem se considera Deus. Diante da "vacina" contra a Covid-19, o que nós, católicos, devemos fazer, portanto, não deixa dúvidas: o* ***rejeição categórica***. »

Por fim, ele também insiste, mais do que o necessário, e a nosso ver, erradamente, no uso ilícito de remédios desenvolvidos a partir de linhagens celulares fetais provenientes de crianças abortadas[38]. Mas com tudo o que já disse, esse problema torna-se realmente muito secundário.

Acreditamos que nossa humanidade apóstata e ímpia, rebelde aos mandamentos de Deus, subserviente a Mamon e inimiga de Cristo, está se aproximando daquele momento anunciado por São João em seu Apocalipse: a humanidade quis a liberdade sem e contra seu Deus criador e redentor; terá, e isso é justiça de certa forma, a servidão de Satanás. Uma sociedade que vê a vida aqui na Terra e a *saúde pública* como um absoluto é uma sociedade idólatra, pronta para todos os excessos e compromissos. Ela está pronta para a escravidão. E para manter sua vida de escrava, ela está disposta a se submeter ao Estado todo-poderoso.

> « E adoraram o dragão [Satanás], porque ele havia dado autoridade à besta [poder temporal globalista]; e adoraram a besta, dizendo: "Quem é semelhante à besta, e quem pode combater contra ela?" E foi lhe dada uma boca que proferia palavras arrogantes e blasfêmias, e lhe foi dado poder de agir durante quarenta e dois meses... E foi lhe dado fazer guerra aos santos e vencê-los; e foi lhe dado autoridade sobre toda tribo, todo povo, toda língua e toda nação. E todos os habitantes da terra a adorarão, aqueles cujos nomes não foram escritos no livro da vida do Cordeiro imolado, desde a fundação do mundo. Que aquele que tem ouvidos ouça! […] Aqui está a paciência e a fé dos santos.

> Depois vi subir da terra outra besta [poder espiritual apóstata], que tinha duas coroas semelhantes às de um cordeiro, e falava como um dragão [os antipapas do Vaticano II]. Ela exercia toda a potência da primeira besta **na sua presença**, e fazia com que a terra e seus habitantes **adorassem a primeira besta**, cuja ferida mortal havia sido curada. […] Ela fez com que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e escravos, fosse dada uma marca na mão direita ou na testa, e que **ninguém pudesse comprar ou vender, se não tivesse a marca do nome da besta ou o número do seu nome... é um número de homem e esse número é seiscentos e sessenta e seis.**» (Apoc XIII, 4-17)

Tudo está ligado: **o dragão**: Satanás e sua raiva contra Deus e os homens; **a besta do mar**: o poder temporal dos globalistas/transhumanistas seguidores de Mamon; **Israel** é **uma das cabeças** desta besta que todos os poderes da terra incentivam a adorar e servir; **os antipapas** são **a besta da terra**, corrupção e caricatura do poder religioso submetido à ideologia "humanista" que nos vende a propaganda globalista e mundialista com um selo de religiosidade, como um Francisco declarando que « *de um ponto de vista ético, todos deveriam se vacinar.* »[39] **A marca da besta**: a vacina e suas nanopartículas acopladas com a 5G e sua incrível capacidade de transmissão de informações, permitindo o controle de todos os objetos conectados em tempo real, pois o objetivo da vacina é nos transformar em objetos conectados; **comprar ou vender:** governo totalitário de terror através do projeto de moeda digital única nas mãos da máfia satânica e cabalística para escravizar a humanidade...

Tudo está interligado e o Padre Lang é um dos raros a manifestar essa dimensão apocalíptica e demoníaca do problema. Honra a ele:

> « *Bill Gates já registrou um patente nos Estados Unidos em 2017, chamada* ***Luciferase****, que consiste em adicionar uma enzima a uma vacina que torna a vacinação "legível" para os humanos. Em 26 de março de 2020, a Microsoft registrou uma patente internacional número* ***060606****[40], que vai ainda mais longe. [...]* ***Tornar a vacinação "legível" permitiria cumprir o que as Escrituras falam, a saber, que somente aquele que tem a marca em sua mão ou em sua testa pode comprar ou vender.*** *Assim, por exemplo, se o sensor da porta da frente de um mercado detectar que uma pessoa não está vacinada, a porta permanecerá fechada.* »

Os cabalistas também gostam de símbolos! Servidores da besta e do dragão, eles reproduzem os símbolos de Satanás e seu número **666**: 7-1, homem sem Deus se idolatrando em rebelião contra a Trindade. Vivemos uma dessas inúmeras batalhas dessa longa guerra entre as criaturas rebeldes e Deus.

O Padre Lang conclui, portanto, com razão, pela « ***rejeição categórica dessa vacina intrinsecamente má***. Essa vacina provém de uma ciência sem consciência, ou seja, de uma ciência sem Deus, que não se importa nem um pouco com as leis naturais e que transgride de forma ousada e arrogante todos os limites estabelecidos por Deus. Quem se deixa voluntariamente injetar essa vacina **aceita**, **por um lado**, essa ciência sem consciência e **por outro lado**, o sistema satânico e ditatorial (060606), que está remodelando o mundo em sua própria direção. Isso significa que não pode haver **razão válida para aceitar esta vacina** [uma espécie de "batismo" satânico], mesmo que isso implique que o chefe da família perca seu emprego, que a hipoteca da casa não possa mais ser paga, que a família perca tudo e tenha que mendigar para sobreviver. [Cabe a nós sermos fiéis à graça do martírio] O inimigo de hoje não se apresenta diante de nós como um ídolo, não com uma metralhadora, mas como uma dose de vacina anti-divina que transgride todas as leis da natureza, sob o pretexto de nos salvar e ajudar. Dificilmente pode haver um plano mais brilhante (em termos satânicos). Quem perseverar até o fim será salvo. O tempo da tribulação não durará eternamente. Deus humilhará seus inimigos. »

Nós não sabemos se estamos diante da última e terrível perseguição, aquela do anticristo. Mas o que sabemos é que Deus nos dará a força do martírio e a glória em seu reino se lutarmos com Ele contra esses anticristos. **A perseguição se aproxima porque já começou.** Não são mais os pagãos romanos, nem os judeus pérfidos, nem os anglicanos cismáticos, nem os jacobinos fanáticos, nem os perversos comunistas, mas sim transhumanistas satânicos, cabalistas contra a natureza que temos que combater.

Deus continua sendo Deus e Cristo, o Cordeiro imolado, não morre mais, mas dá vida. Estejamos prontos para perder tudo a fim de encontrar a vida!

> « *Um anjo dirá: "Caiu,* ***caiu, Babilônia, a grande****, que embriagou todas as nações com o vinho da fúria da sua impudicícia! […]* ***Se alguém adorar a besta e sua imagem, e receber a marca em sua testa ou em sua mão, também beberá do vinho da fúria de Deus****, vinho purificado que é derramado na taça da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos anjos santos e do Cordeiro. E a fumaça do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos, e* ***não haverá descanso, nem dia nem noite, para aqueles que adoram a besta e sua imagem, nem para quem receber a marca do seu nome." Aqui está a paciência dos santos, que guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus****. E ouvi uma voz do céu, dizendo: "Escreva: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor! Sim, diz o Espírito, que descansem de seus trabalhos, pois suas obras os seguem."* » (Apoc XIV, 8-14)

« *E a besta que era e não é mais, […] irá à perdição. [Aqueles] que receberão um poder de rei por uma hora com a besta […] farão guerra ao Cordeiro, mas* ***o Cordeiro os vencerá, porque ele é Senhor dos senhores e Rei dos reis****, e os que o acompanham são os chamados, os eleitos e os fiéis.* » (Apoc XVII, 13-16)

F. Mensagem de São Cipriano aos cristãos que recusarão a tirania transhumanista e suas vacinas diabólicas

São Cipriano, bispo de Cartago, escondia-se da polícia imperial que o procurava. No ano 257, Valeriano promulgou um édito pelo qual, pela primeira vez, a comunidade cristã como um todo foi tratada como uma associação ilícita. No ano 258, recusando-se a abjurar, foi condenado à morte como ***sacrílego, conspirador e instigador de associação ilícita***. Pouco antes de seu próprio martírio, ele escreveu uma carta aos fiéis de Thibaris, cidade da província proconsular (Túnisia), da qual seguem alguns trechos.

Vocês devem, portanto, saber e ter certeza de que a perseguição está suspensa sobre nossas cabeças, que esse dia vem, que o fim do mundo e o tempo do Anticristo se aproximam. Assim, **devemos todos nos preparar para a luta, não pensar em nada exceto na glória da vida eterna** e na coroa por confessar o Senhor, sem nos imaginar, ademais, que o que vem é como o que passou. Um combate mais sério e mais acirrado é iminente: **os soldados de Cristo devem se preparar com robusta coragem, considerando que a cada dia é-lhes dado beber o cálice do sangue de Cristo, a fim de que estejam em condição de derramar seu próprio sangue por Cristo**. De fato, queremos ser encontrados com Cristo quando reproduzimos o que Cristo ensinou e fez, segundo a palavra do apóstolo João:

> « *Aquele que diz que permanece em Cristo, deve andar como Ele andou.* » (Jo II,6).

Da mesma forma, o apóstolo Paulo nos exorta e instrui dizendo:

> « *Somos filhos de Deus; se somos seus filhos, também somos herdeiros e co-herdeiros com Cristo,* ***desde que*** *soframos com Ele para sermos glorificados com Ele.* » (Rm VIII,16-17).

É tudo isso que devemos considerar, para que ninguém lamente nada deste mundo que vai perecer, mas que siga a Cristo, que vive eternamente, e faz viver seus servos que têm fé em Seu Nome. O tempo vem, de fato, meus muito queridos, que o Senhor previu há muito e cujo aproximar nos anunciou dizendo:

> « *Uma hora virá em que todo aquele que vos matar julgará prestar um serviço a Deus. Mas farão isso porque não conhecem nem meu Pai nem a Mim. Mas eu vos disse estas coisas, para que, quando chegar a sua hora, vos lembreis de que eu vos as predizera.* » (Jo XVI,2-4).

Que ninguém se surpreenda por estarmos cercados de perseguições constantes, que alarmes nos inquietem incessantemente. **O Senhor nos previu que isso ocorreria no fim dos tempos.** Ele nos preparou para nosso serviço como soldados pelo ensino e o encorajamento de sua palavra. O apóstolo Pedro também nos ensinou que as perseguições ocorrem para que sejamos provados, e que, seguindo o exemplo dos justos que nos precederam, nós também sejamos unidos pela morte e pelo sofrimento à caridade de Deus. Ele colocou, de fato, isto em sua epístola:

> « *Meus muito amados, não vos admireis do incêndio que se acende entre vós, como se algo extraordinário vos estivesse acontecendo. Mas todas as vezes que participardes das aflições de Cristo, alegrai-vos, para que na manifestação de sua Glória, vos alegreis de júbilo. Se alguém vos injuriar pelo Nome de Cristo, sois felizes, porque o Nome do Senhor, um Nome de majestade e poder, repousa sobre vós, e que é por eles blasfêmia, por vós é honra.* » (IPe IV,12-14).

Os apóstolos apenas nos ensinaram o que haviam aprendido do ensino dominical…:

> « Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos afastarem, vos expuserem e maldisserem vosso nome por causa do Filho do homem. Alegrai-vos naquele dia e exultai, pois grande é a vossa recompensa nos céus. » (Lc VI,22-23).

O Senhor quis que nos alegrássemos e exultássemos nas perseguições, porque quando vêm as perseguições, é então que se dão as coroas da fé, é quando se provam os soldados de Cristo, é quando os céus se abrem para os mártires. Não nos comprometemos com a milícia apenas para pensar apenas na paz, recusar o serviço e nos esquivar, quando o Senhor, o Mestre da humildade, da paciência e do sofrimento, já havia prestado Ele mesmo antes de nós o mesmo serviço. **O que Ele ensinou, começou por fazer, e ao nos exortar a sofrer, Ele mesmo sofreu por nós.** Mantenhamos diante dos olhos, irmãos muito amados, que Aquele que o Pai constituiu como único juiz, e que virá julgar, já fez conhecer o sentido pelo qual julgará e conduzirá sua futura investigação. Ele previu e proclamou que confessaria diante de seu Pai aqueles que o confessassem e que renegaria aqueles que o renegassem. Se pudéssemos escapar da morte, temeríamos, com razão, morrer. **Mas uma vez que é inevitável que um mortal morra, aproveitemos a oportunidade que nos oferece a promessa divina e a bondade divina; soframos a morte para receber a imortalidade, e não temamos ser mortos, pois é certo que, quando nos matam, nos coroam.**

Nestes dias, cada um de nossos irmãos pode se encontrar, provisoriamente e por força das circunstâncias, separado, não de espírito, mas de corpo, do rebanho: que ele não se deixe abalar pelo horror desse exílio; onde quer que esteja afastado e escondido, que a solidão não o apavore. Não está sozinho aquele que Cristo acompanha em sua fuga; não está sozinho aquele que, conservando o templo de Deus onde quer que esteja, nunca está sem Deus. E, se enquanto foge na solidão e na montanha, for morto por um bandido, atacado por uma fera, afligido pela fome, sede ou frio, ou, se enquanto se apressa pelos mares em uma navegação precipitada, a tempestade e o turbilhão o fazem perecer nas ondas, **Cristo tem os olhos sobre seu soldado, onde quer que ele combate. Quando ele morre na perseguição, pelo honra de seu Nome, Ele lhe dá a recompensa que prometeu dar no dia da ressurreição. A glória do martírio não é menor por não morrer publicamente e diante de muitas pessoas, quando a razão para morrer é morrer por Cristo. A atestação do martírio é suficiente, quando tem como testemunha Aquele que prova os mártires e os coroa!**

O bispo lembra então o episódio da Sagrada Escritura que mostra Ananias, Azarias e Misael, que foram obrigados a adorar a estátua que o rei Nabucodonosor havia levantado: Eles acreditavam, pela fé, que poderiam escapar, mas acrescentaram "ainda que não o fizéssemos", para fazer saber ao rei que também poderiam morrer pelo Deus que honravam. **Isso é coragem e fé: crer e saber que Deus pode nos livrar da morte que ameaça, e, ainda assim, não temer a morte e não ceder, para dar uma prova maior de sua fé.** ... **Quão grave seria o caso de um servo que leva o nome de cristão não querer sofrer quando seu Mestre, Cristo, sofreu primeiro; quão covarde seria para nós não consentir em sofrer por nossos**

pecados, quando Ele, que não tinha pecado próprio, sofreu por nós! O Filho de Deus sofreu para fazer de nós filhos de Deus, e o Filho do Homem não quer sofrer para continuar sendo filho de Deus! Se estamos sob o ódio do mundo, o Filho de Deus o experimentou antes de nós; se sofremos aqui embaixo abusos, exílio, tormentos, o Autor, o Mestre do mundo sofreu um tratamento pior; e Ele nos lembra:

> « *Se o mundo, diz Ele, os odeia, lembrem-se que a Mim me odiou primeiro. Se vocês fossem do mundo, o mundo amaria o que lhe pertence; mas, porque vocês não são do mundo, e Eu os escolhi e os tirei do mundo, é por isso que o mundo os odeia. Lembrem-se da palavra que Eu lhes disse: O servo não está acima de seu mestre. Se a Mim me perseguiram, também a vocês perseguirão.* » (Jo XV,18-20).

E que nenhum de vocês, irmãos muito amados, se deixe tanto assustar pela perseguição que se aproxima e pela vinda do Anticristo, que não encontre nas **exortações evangélicas, nos preceitos e nos avisos celestiais, armas contra todos os perigos**. **O Anticristo vem, mas depois dele vem Cristo**. O inimigo espreita e exerce seus estragos, mas o Senhor o segue imediatamente e vinga nossos sofrimentos e feridas. ...

> « *Não tenham medo, diz Ele, daqueles que podem matar o corpo, mas não podem matar a alma. Temam mais aquele que pode destruir tanto o corpo quanto a alma, lançando-a ao inferno.* » (Mt X,28).

E ainda:

> « *Aquele que ama sua vida a perderá, e aquele que aborrece sua vida neste mundo, a salvará para a vida eterna.* » (Jo XII,25).

O Apocalipse também nos adverte e nos avisa:

> « *Se alguém adorar a besta e sua imagem, e receber a marca em sua testa e em sua mão, beberá do vinho da ira de Deus misturado na taça da sua ira; será castigado com fogo e enxofre, à vista dos anjos santos e do Cordeiro, e a fumaça do seu tormento subirá pelos séculos dos séculos. Não terá descanso de dia nem de noite, os que adoram a besta e sua imagem.* » (Ap XIV,9-11).

… **Deus nos observa lutar, e ... goza com o espetáculo de nossa luta**. Enquanto somos martirizados e sustentamos o combate da fé, Deus nos observa, seus anjos nos olham, Cristo nos observa. Que glória para nós!… **Armemo-nos, irmãos muito amados, com todas as nossas forças, e preparemo-nos para a luta, com uma alma incorruptível, uma fé completa, um coragem disposta ao sacrifício**. Que o exército de Deus saia do acampamento e marche para a batalha que nos é oferecida. Que aqueles que permaneceram firmes se armem, para que aquele que não se dobrou mantenha toda a sua glória. Que aqueles que caíram também se armem, para que o caído recupere o que perdeu. **Que a honra anime uns, a dor a outros**. O bem-aventurado Apóstolo nos ensina a nos armarmos e a nos prepararmos, quando diz:

> « *A luta que temos que enfrentar não é contra seres de carne e sangue, mas contra as potências e os principados deste mundo e das trevas, contra os espíritos de perversidade espalhados nos ares. Portanto, revistam-se de toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau. Assim, quando tiverem acabado de se armar, se mantenham firmes, os lombos cingidos com a verdade, vestindo a couraça da justiça, os pés calçados, prontos para anunciar o evangelho da paz, tomando o escudo da fé para apagar os dardos inflamados do inimigo, levando o capacete da salvação e a espada do espírito, que é a palavra de Deus.* » (Ef VI,12-17).

Tomemos essas armas, revistamo-nos dessas defesas espirituais e celestiais, para que no dia mau possamos resistir às ameaças do diabo e lutar contra ele… **Que grande, que belo dia, irmãos muito amados, será aquele em que o Senhor passará em revista seu povo e, com um olhar divino, examinará os méritos de cada um, onde enviará os ímpios ao inferno e condenará às chamas eternas do fogo vingador aqueles que nos perseguiam, enquanto a nós, pagará o preço de nossa fé e de nossa dedicação!** Qual não será nossa glória e nossa felicidade: ser admitidos a ver a Deus, ter a honra de participar das alegrias da salvação e da luz eterna na companhia de Cristo Senhor nosso Deus, de **todos os patriarcas, apóstolos, profetas, mártires, gozar no reino dos céus na companhia dos justos e amigos de Deus, das alegrias da imortalidade adquirida, e degustar

> «***o que o olho do homem não viu, o que o seu ouvido não ouviu, o que o seu coração não experimentou***»! (I Cor II,9).

Que devemos receber mais do que o justo preço do que fazemos ou sofremos aqui, é o que o Apóstolo proclama: « *As aflições deste tempo não são comparáveis à glória que será manifestada em nós.* » (Rm VIII,18). Quando esta manifestação vier, **tristes e infelizes permanecerão aqueles que, abandonando Deus ou se revoltando contra Ele, fizeram a vontade do diabo, e devem com ele ser torturados por um fogo que não poderá se apagar.**

Que esses pensamentos, irmãos muito amados, estejam bem fixados em nossas mentes. Que isso seja uma preparação para as armas, um exercício dia e noite, ter sempre diante dos olhos, representando constantemente em nosso espírito e em nossos sentidos, os tormentos dos ímpios e as recompensas dos justos, as penas com que o Senhor ameaça aqueles que o renegam, e, por outro lado, a glória que promete àqueles que confessam seu Nome. Se o dia da perseguição nos encontrar nesses pensamentos e meditações, **o soldado de Cristo**, instruído por seus ensinamentos e avisos, **não tem medo do combate: está pronto para a coroa**. Desejo, irmãos muito amados, que vocês sempre se mantenham bem.

Padre Olivier Rioult
21 de julho de 2021
www.lasapiniere.info

« *Deus é o único Senhor da vida*
*e da **integridade do ser humano**…*
O homem não é o proprietário:
ele tem o usufruto, e deverá, portanto, prestar contas ao Criador do uso que fez. » (Pio XII)

[1] IIa IIæ Q. 110, art. III, ad. 4um – *O menor mal não é um bem* pelo Chanoine Roul, Ordem Francesa – agosto de 1973. Brilhante aluno da Universidade Gregoriana, foi pároco de Saint-Similien em Nantes (1926-1970).

[2] IIa IIæ Q. X, art. I, corpus.

[3] Jussio, consilium, consensus, palpo, recursus, participans, mutus, non obstans, non manifestans.

[4] Obras de São Alípio-Maria de Liguori, Pelo abade Pelletier, tomo 9, Louis Vivès, 1877, *O Confessor Dirigido*…, cap. IV, § IV do escândalo, XVII.

[5] Obras de São **Alípio-Maria de Liguori**, Pelo abade Pelletier, tomo 6, Louis Vivès, 1877, *Instrução… ou resumo da Teologia Moral*, cap. IV, 2º ponto *Da caridade em relação ao próximo*, XXIII & cap. X, 3º ponto *Da restituição*, § II, LVII.

[6] **Jean-Benoît Vittrant, S. J.** *Teologia Moral*, Beauchesne, 1941, 1ª Parte, Cap. I Os atos humanos, § IV. O voluntário indireto e o problema da cooperação.

[7] O livre jornal da França profunda, Rádio Courtoisie, 14 de janeiro de 2021, *Amazon, serviço ou monstruosidade?*

[8] R. Brouillard, *Catolicismo*, art. Cooperação, col. 167.

[9] Cf. Madame Pamela Acker, Entrevistas no Life Site News e em seu livro « *Vacinação: uma Perspectiva Católica* »

[10] Estudo pelo RP Joseph, ***Do uso da linhagem criminosa HEK 293: a questão da moralidade das vacinas contra a Covid***.

[11] Catecismo do Concílio de Trento, *Sétima petição da Oração Dominical*: § I. Como se deve pedir para ser libertado do mal.

[12] **Autor / Fonte:** sciencemag.org (5/6/2020); pop.org (4/6/2020)

[13] *Boletim dos Amigos de São Francisco de Sales*, N° 212 – Março-Abril de 2021 citando sì sì no no, dos dias 15 e 31.01.2021.

[14] « *Ela vale o que valem os argumentos que apresentamos. Outras vozes concluíram de maneira diferente. Que este artigo traga sua modesta contribuição ao debate de fundo que a gravidade da questão merece.* »

[15] « *No que diz respeito às doenças contra as quais ainda não existem outras vacinas disponíveis e eticamente aceitáveis, deve-se abster de usar essas vacinas, se isso puder ser feito sem que as crianças, e indiretamente a população em geral, corram riscos significativos para sua saúde. No entanto,* ***se as crianças podem estar expostas a riscos consideráveis para sua saúde, as vacinas cujo uso apresenta problemas morais podem ser usadas temporariamente. A razão moral é que o dever de evitar a cooperação material passiva não se impõe se houver um grande inconveniente****. Além disso, diante do perigo de favorecer a disseminação do agente patológico devido à não vacinação das crianças, encontramos, nesse caso, uma razão proporcional para aceitar o uso dessas vacinas. Isso é particularmente verdadeiro no caso da vacinação contra o sarampo.* » (Bento XVI, 5 de junho de 2005)

[16] « *É moralmente lícito usar as vacinas contra a Covid-19, que utilizam linhagens de células provenientes de fetos abortados... Usar essas vacinas não significa que haja cooperação formal com o aborto, através do qual essas vacinas são produzidas. Nesse caso, a cooperação com o aborto é remota, portanto, o dever moral de evitá-la não subsiste,* ***se estamos diante de um grave perigo, como a propagação de um agente patogênico incontrolável sem a vacina****.* » Nota de 21 de dezembro de 2020, assinada pelo cardeal Ladaria, Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, e aprovada pelo papa Francisco.

[17] A presença de anticorpos não é um sinal conclusivo de imunização. Uma vez que pessoas adequadamente vacinadas não apenas podem desenvolver o vírus, mas, sobretudo, transmiti-lo. A imunidade natural, por sua vez, baseia-se mais em um sistema diversificado e complexo, muito mais eficaz do que uma cobertura vacinal que protege apenas contra determinadas cepas virais específicas, mas, ao fazê-lo, enfraquece significativamente as pessoas frente a todas as outras cepas do mesmo tipo… Daí a crescente incidência de reações autoimunes… **Portanto, a imunidade vacinal não é uma imunidade, mas um constatado aumento de anticorpos específicos... Ali está a impostura!**

[18] http://www.lasapiniere.info/archives/3999

[19] Fenômenos nervosos notáveis pela irregularidade da marcha e pela gravidade das doenças a que estão ligados.

[20] https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/16807526

[21] https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/1497645

[22] Entrevista realizada pela televisão italiana na Residência Santa Marta no Vaticano (10 de jan. 2021) – site da rede Canale 5.

[23] Abade Gabin Hachette, *O universo covidiano*, La Porte latine.

[24] Entrevista com Kary Mullis, Prêmio Nobel de Química, Inventor do teste PCR: https://www.youtube.com/watch?v=rXm9kAhNj-4.

[25] https://academic.oup.com/cid/article/71/16/2252/5841456?login=true - https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/NEJMp2025631.

[26] Pio XII, Alocução à "União médico-biológica São Lucas", 12 de novembro de 1941.

[27] Videoconferência transmitida no Facebook afirmou (https://www.facebook.com/154163327962392/videos/2109672172500129/ desde o minuto 01:00:25)

[28] Publicado em tradução italiana pelo advogado **Edoardo Polacco** de Roma em seu site (http://www.iostoconlavvocatopolacco.it/wpcontent/uploads/2020/12/bugiardino-vaccino-covid.pdf)

[29] Jean-Dominique Michel, antropólogo da saúde, Mediterranée Infection, Seminário, *A medicina e a saúde à prova do Covid*, 21 de maio de 2021.

[30] http://www.lasapiniere.info/archives/3787

[31] Abade Arnaud Sélégny, professor no seminário de Écône, A vacina contra a Covid-19 é moralmente segura? FSSPX.NEWS – 4 de dezembro de 2020.

[32] Pio XII, Alocução à "União médico-biológica São Lucas", 12 de novembro de 1941.

[33] https://sspx.org/en/news-events/news/can-catholic-good-conscience-receive-coronavirus-vaccine-62007.

[34] Editorial do *Mitteilungsblatt* n° 507 de abril de 2021.

[35] Abade Peter Lang, *A vacina contra a Covid-19: um programa satânico?* Janeiro de 2021 – Priorato St. Athanasius, Stuttgarter Str. 24 70469 Stuttgart Feuerbach.

[36] « *A pandemia só será vencida quando todos os habitantes da terra estiverem vacinados* », explicava a chanceler Merkel (Chanceler da Alemanha, 19.02.2021). – « *O mundo não voltará à normalidade até que toda a população mundial esteja vacinada* » (Bill Gates).

[37] https://mitteilungsblatt-a.fsspx.online/mb-juni-2021-osterreich/a-editorial.

[38] **O abade Lang:** « *No que diz respeito ao julgamento teológico e moral sobre a problemática do uso das vacinas em questão, muitos católicos atualmente se baseiam em um documento da Academia Pontifícia para a Vida datado de **9 de junho de 2005**, que foi confirmado por uma declaração da mesma instituição datada de **31 de julho de 2017***, eles também se apoiam, de maneira não conclusiva a nosso ver, **em uma declaração de 12 de dezembro de 2020, [onde] o cardeal Janis Pujats, o arcebispo Tomasz Peta, o arcebispo Jan Pawel Lenga, o bispo Joseph E. Strickland e o bispo auxiliar Athanasius Schneider expõem de maneira plausível porque o raciocínio da Academia Pontifícia é inaceitável: «... o crime do aborto é tão monstruoso que toda forma de concatenação com esse crime, qualquer que seja e mesmo muito distante, é imoral e não pode de forma alguma ser aceita por um católico, uma vez que tenha tomado plena consciência disso. Aqueles que fazem uso dessas vacinas devem estar cientes de que seu corpo "se beneficiaria" de alguma forma dos "frutos" (embora afastados por uma série de processos químicos) de um dos maiores crimes da humanidade._** »

[39] Entrevista realizada pela televisão italiana na Residência Santa Marta no Vaticano (10 de jan. 2021) – site da rede Canale 5.

[40] Cf. Pierre Hillard, *Crônicas do globalismo*, Cultura e raízes, 2014, p. 285 & 343.